

Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia.

I – Cremos não estará ainda feito – nem, talvez, sequer começado – *um* (não *o*) inventário, ainda que genérico, das relíquias – de santos, mártires, beatos, veneráveis e de gente como tal venerada¹ – que, ao longo dos tempos, juntando-se aos originários de Portugal – ou do território que o passou a ser –, aqui foram chegando e por aqui se foram fixando ou dispersando, e sempre comovendo – durante muito ou pouco tempo, lembradas ou esquecidas –, a piedade de todos – dos reis e senhores aos que não eram tanto ou estavam longe de o ser –, nem sempre com muita crítica, mas, sobretudo a partir dos anos vinte do século XVI, sempre com poucas críticas em virtude das conhecidas reacções anti-reformistas que das críticas às relíquias faziam um dos seus parâmetros

¹ Um bom exemplo – e apenas um exemplo – poderia ser, de acordo com a carta que de Coimbra se escreveu, em 27.3.1598, a tal respeito, o que se passou com o corpo e vestes do Padre Inácio Martins, S.J. († Coimbra, 28.2.1598), personagem que encontraremos como pregador no recebimento das relíquias em S. Roque (1588): «Folgará Vossa Reverencia de ouvir toda esta gente o que dizia conforme a devação e conceito que tinha do Padre Inácio: huns dizião que se ouvera de por logo na Igreja pera mais à sua vontade gozar toda a Cidade delle. Outros tratavão se era bem lançar agoa benta em tão santo corpo e encomendar a Deos tão bendita alma: os mais pedião reliquias com grandissimo affecto, e não faltarão pessoas que vierão providas de tisouras com que cortarão pedaços da alva e pontas das unhas [...] os Duques de Bragança, Aveiro e outros senhores principaes tinhão pedido com muita devação alguma peça do Padre Inácio.[...] erão tantas as tisouras e facas sobre elle que não avia podelo defender quem cortava alva quem a vestimenta debaixo, outros arremeteram as servilhas dos pees que levarão, o barrete desapareceo posto que se tornou a tomar: nas meias fizeram tantos retalhos que foi necessario calçarem lhas outras que levasse. E antes que lhas calçassem hum Doutor lente de prima nus lhe beijou os pees. A alva que levava notavelmente ficou retalhada. Nesta envolta hum estudante lhe quis pegar da calsa, e foi hum Religioso pera lho impedir pegando no pee do Padre, vendo isto o estudante arremeteo com pio impetu a mão do religioso, e lhe deo huma boa dentada. O que mais temiamos erão as feridas das mãos e dedos com as tisouras e facas que sobre elle andavão, Religioso ouve que tomou 3 tisouras juntas...» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus* (Reconstituição do texto e nota preliminar de José Pinto), Porto, 1942, 120-123. Para as questões da morte de um «santo vivo», Sergio BERTELLI, *Il corpo del re. Sacralità del potere nell'Europa medievale e moderna*, Firenze, 1990, 94-96; mais geral, mas sempre interessante, Giovanni RICCI, *Il principe e la morte. Corpo, cuore, effigie nel Rinascimento*, Bologna, 1998.

definidores da impiedade² que, em seu entender, caracterizava as heresias modernas³. Tal, porém, não quer, naturalmente, dizer que não tenha havido dúvidas àcerca da autenticidade de muita relíquia que ía aparecendo e, logo, da veneração que lhes era devida – baste pensar naquele «Santo Viário, bispo», que recorda com algum humor André de Resende⁴ e, como particularizaremos mais adiante, em alguma correspondência de João III e, depois, de alguma outra de Filipe II sobre o assunto... Não sabemos mesmo o que aconteceu às relíquias de um Beato Inácio de Azevedo e seus companheiros, isto é, o que restou – livros

² Igualmente a título de exemplo português sobre uma questão que mereceria uma antologia, pode ver-se o que em *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit., 258-261 se escreve, a propósito do martírio do Padre Inácio de Azevedo e seus companheiros, *Do grande estraguo que fizerão os hereges nas reliquias, Ornamentos e todas as mais cousas sagradas que acharão naquella nao*: «Revolvendo pois os hereges as couzas que achavão por aquella nao forão dar com hum baul em que o padre Ignacio [de Azevedo] levava muitas reliquias, imagens, contas bentas, indulgencias, bullas, breves do papa e outros papeis de importancia. Em o abrindo, e conhecendo que tudo aquilo erão couzas sagradas, e reliquias, saltou huma diabolica furia nelles: e começarão a espedaçar as sagradas reliquias, e lançalas pelo conves da nao e pizalas aos pes, e saltar aos couços en sima dellas, hum meo corpo em que hia metida huma cabeça das onze mil virgens andando com elle lhe tirarão a sagrada cabeça de dentro e a quebrarão e fizerão em pedaços e a lançarão pello chão: cujos pedaços os nossos como puderão recolherão: e aquella imagem de vulto trouxerão muitos dias enforcada na gavea. Huma Cruz feita do verdadeiro lenho em que Christo Nosso Senhor nos redemio, davão ao Irmão João Sanches que era seu cozinheiro que a lançasse no fogo: e não querendo elle o encherão de couços e bofetadas, e depois, a lançarão no fogo, dizendo-lhe, olha perro papista como arde ...».

³ ERASMO de Roterdão, *El Enquirdion o Manual del Caballero Cristiano* (Ed. de Dámaso Alonso, Prólogo de Marcel Bataillon), Madrid, 1971[2ª ed.], 249- 253, dedica, como é bem sabido, algumas considerações exemplares de que Marcel BATAILLON, *Erasmus y España*, México, 1966, 199, 248, 377-379 *et passim* estudou as suas influências hispânicas; Jean CALVIN, *Advertissement très utile du grand profit qui reviendrait à la Chrestienté, s'il se faisoit inventaire de tous les corps saints, et reliques, qui sont tant en Italie, qu'en France, Alemaigne, Hespaigne, et autres Royaumes et pays* (Genève, 1543) – o geralmente chamado *Traité des reliques*, de que existe uma útil recente edição apresentada por Irena Backus, Genève, s.a. (2000) – radicalizará, de certo modo, as questões em torno ao assunto; Fr. Valentim da Luz, um Eremita de Santo Agostinho, nas suas declarações durante o seu processo inquisitorial (1560-1562) em que foi – abusivamente, cremos nós com o sempre recordado Mestre Silva Dias – por «hereje lutherano e favorecedor de herejes», afirmará ter desejado que «as reliquias se aprovassem primeiro que se leixasse trazer, e que provado serem verdadeiras estivessem em lugares decentes. Agora vemos serem tantas e cada molher a modo de falar diz que tem do lenho da cruz que já se não tem em tanta reverencia». Depois, o promotor fiscal desse processo, garante poder provar que «sendolhe repicado que a Igreja fazia orações aos santos, e que depois que viera o braço do bem aventurado Sam Sebastião cessara a peste nesta cidade, o R[eu] respondeo: isso sabeis vos bem mal», in José Sebastião da Silva DIAS, *O Erasmismo e a Inquisição em Portugal. O processo de Fr. Valentim da Luz*, Coimbra, 1975, 119, 130, respectivamente.

⁴ André de RESENDE, *Carta a Bartolomeu de Quevedo* (Ed., introd. e notas de Virgínia Soares Correia), Coimbra, 1988, 86-91, caso de ignorância que recorda António FRANCO, *Évora Ilustrada* (Extraída da obra do mesmo nome do P. Manuel Fialho. Publicação, prefácio e índices de Armando de Gusmão), Évora, 1945, 39-41.

por que liam (o Padre Inácio era um assíduo leitor da *Passio Duorum*⁵), objectos que lhes tinham pertencido, quadros que mandara pintar, etc.⁶ – dos tempos anteriores à sua viagem para o Brasil em 1570 e durante a qual acabaram por ser martirizados às mãos de piratas calvinistas franceses. Cremos mesmo que em Espanha, à parte casos especiais como o de El Escorial – uma colecção real sempre deve pedir um catálogo ou, pelo menos, um corrido rol⁷... – e das notas de Ambrosio de Morales⁸, também não deverá existir tal inventário geral desses insignantemente piedosos restos e tão importantes para o estudo da sensibilidade e do sentimento religiosos. Por exemplo: onde param as relíquias dos mártires ingleses que D. Luisa de Carvajal y Mendoza (†Londres, 1614) piedosamente recolhia e, alguma vez, enviava de Londres para Espanha em tempos de Jacobo I⁹? Poderia mesmo programar-se um vasto projecto de investigação que, sistematicamente, começasse por passar a pente fino esse insigne e formidável depósito de saber e erudição que é o *Agiológico Lusitano* – as crónicas monásticas..., as actas capitulares..., as colecções de memórias edificantes e as monografias de história local podem igualmente fornecer preciosas pistas – e, depois, fosse inventariando..., datando..., estabelecendo ou tentando estabelecer origens e doadores de relicários e tesouros de relíquias de catedrais..., colegiadas..., igrejas paroquiais..., casas religiosas..., pequenas capelas públicas ou senhoriais..., etc.. De tudo, desde que coerentemente somado, poderia obter-se um bom quadro em que se visse inscrito todo um passado – um autêntico relicário nacional – em confronto com o seu devir. Ainda que nos ocupemos aqui apenas de dois momentos desse passado nos tempos modernos (1588..., 1595) em que chegam a Portugal um número considerável de relíquias, lembremos que, ainda na primeira metade do século XVIII, chegam ao Porto, por oferta de João V, a quem, por sua vez, os tinha oferecido D. José Maria da

⁵ «Relaçam da gloriosa morte do Padre Ignacio de Azevedo da Companhia de Jesu e seus companheyros que forão mortos polos hereges no anno de 1570 indo pera o Brasil» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit., 191-192

⁶ «Relaçam da gloriosa morte do Padre Ignacio de Azevedo da Companhia de Jesu e seus companheyros que forão mortos polos hereges no anno de 1570 indo pera o Brasil» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit., 184; um destes quadros, destinado ao colégio da Companhia em Évora, representando Nossa Senhora dos Mártires – a designação é posterior sob a influência do martírio de quem a mandou pintar e pintou – ainda se encontrava, no primeiro quartel do século XVIII, na capela principal do noviciado de Évora, como traz António FRANCO, *Évora ilustrada...*, ed. cit., 262.

⁷ Miguel MORÁN - Fernando CHECA, *El coleccionismo en España. De la cámara de maravillas a la galería de pinturas*, Madrid, 1985, 173-178.

⁸ Ambrosio de MORALES, *Relacion del viage de...*, *Chronista de S. M. el rey D. Phelippe II a los Reynos de León, Galicia e Principado de Asturias en el año de 1572* (ed. facsímil de la editada em Madrid en el año de 1765), Madrid, 1985.

⁹ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Epistolario y poesias* (Colección formada por Don Jesús González Marañón, completada y revisada por Camilo Maria Abad, S.J.), Madrid, 1965, 178, 193, 216, 312, 324-325, 346 et passim.

Fonseca e Évora, os corpos dos mártires Severino e Eugénio que esse bispo do Porto (1739-1752) tinha trazido de Roma¹⁰.

Antes, porém, será interessante recordar alguns outros momentos de vindas de relíquias durante a segunda metade do século XVI e nos começos do século seguinte que, mesmo avulsos, podem servir para enquadrar esse interesse – um interesse bem tradicional, mas que, dados os anos e os promotores, talvez seja mais correcto dizer renovado interesse – por essas piedosas colecções de relíquias ou, pela sua importância – tamanho, procedência, categoria de quem a obtém ou oferece, etc. –, de uma simples relíquia que, em qualquer caso, foram, quase sempre, alcançadas por altas personagens – reis, príncipes, grandes senhores, eminentes religiosos, etc. – e oferecidas a outras altas personagens..., igrejas..., simples ermidas..., casas religiosas... por eminente presente ou por devoção, mesmo que nesta possam, alguma vez, ter incluído a intenção de engrandecer espiritualmente, com as consabidas consequências materiais – económicas, naturalmente, também –, um património que lhes pertencia ou cuja administração ou protecção lhes estava confiada.

Lembremos, então, que D. Pedro de Mascarenhas, Senhor da Quinta de Palma junto a Alcácer do Sal – retiro onde terá descando S. Francisco Xavier¹¹ – no regresso da sua embaixada de Roma (1538-1540)¹² trouxe dessa cidade e da Alemanha¹³, «hum precioso thesouro de relíquias» – «hum cabelo da Nazarena barba de Christo N. Redemptor, hum retalho de sua sagrada purpura, algüas particulas do veneravel Lenho da Cruz, hum dos trinta dinheiros porque o ingrato discipulo vendeo a seu divino Mestre e Leite da V. Senhora nossa» – e «assi mesmo as cabeças de S. Responça, e sua companheira, juntamente com os peitos, ambas do numero das Onze mil Virgens, com grande copia de reliquias daquelle sagrado esquadrão, e de outros Sanctos Martyres, e Confessores»¹⁴. Foram depositadas, «hüas em vistosos Sanctuarios de prata dourada, outras em vultos estofados com grande primor da arte, e todas enriquecidas com variedade de pedras preciosas», na capela das Virgens – «hüa das mais celebres do reino», contruída pelo mesmo D. Pedro de Mascarenhas em honra de Santa Responça e suas companheiras no convento franciscano de Santo António de Alcácer do Sal

¹⁰ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* (Nova ed. preparada e dirigida por Damião Peres), II, Porto, 1968, 653, nº1

¹¹ Francisco RODRIGUES, *Historia da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, I, 1, 241, alude a esta possibilidade.

¹² Francisco RODRIGUES, *Historia da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, 212; Alexandre HERCULANO, *Historia da origem e do estabelecimento da inquisição em Portugal*, II, Lisboa, 1975, 179-180.

¹³ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, Lisboa, 1657, 684 dá a entender que D. Pedro de Mascarenhas teria sido embaixador na Alemanha, mas de tal não encontramos outra referência.

¹⁴ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, ed. cit., 684.

que sua mãe, D. Violante Henriques, havia erguido em 1524¹⁵. A transladação dessa colecção – quer das que J. Cardoso valoriza de «precioso thesouro» quer daquelas duas cabeças das Onze mil Virgens – celebra-se em 23 de Abril¹⁶, embora a solene festa em sua honra se faça na *Dominica de Pastor bonus*¹⁷.

Em data incerta, mas sempre entre 1527, ano em foi feito Prior do Crato, e 1555, ano da sua morte, o infante D. Luis ofereceu à ermida de S. Brás, no castelo de Belver (cerca de Abrantes), pertencente à administração daquele priorado, «parte do sancto Presepeo, em que o Verbo divino, feito homem ouve por bem nascer, [parte] da mesa em que instituiu o Sanctissimo Sacramento, [parte] do Calvario, e sagrado Lenho da Cruz, [parte] do sancto Sudario». A esta notável colecção há ainda que juntar «o vaso com cujo unguento a Magdalena ungiu seus [de Cristo] sagrados pès, e daquella bemaventurada terra, que com elles sanctificou, partindo para o ceu o dia de sua Ascenção. Item, do sagrado leite da Virgem Maria, hum de seus preciosos cabelos, da pedra em que descansou no caminho do Egipto, e de seu glorioso sepulchro. Outrossi relíquias de S. Joseph, seu Esposo, de S. João Baptista, dos sanctos Innocentes, da sepultura de Lazaro, cabelos da Magdalena, de hũa amphora de S. Paulo Apostolo, do cilicio de S. Thome, da pelle de S. Bartholomeu. Assi mesmo ossos do Proto-matyr S. Stevão, S. Sebastião, S. Arcadio, S. Ciriaco, e hum dedo da mão de S. Bras. Carne de S. Antão, e de S. Artemio, e da cabeça de S. Albino Bispo, e Confessor. Finalmente relíquias de S. Margarida, S. Salvador Monge, da capa de S. Domingos com outras muitas de varios Sanctos...»¹⁸.

Curiosamente, estas relíquias, de origem desconhecida, mas maravilhosa, guardadas, na capela de S. Brás de Belver, no «cofre em que, segundo a tradição, vierão pelo Tejo abaixo», tendo sido levadas, por duas vezes, para a igreja matriz de Belver, por outras tantas vezes, «miraculosamente se tornarão à propria ermida», onde, perante tal manifestação da sua vontade, finalmente repousaram¹⁹. O milagre é bem conhecido das tradições hagiográficas, bastando, como justificação, lembrar que entre elas estava «hum dedo da mão»

¹⁵ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, ed. cit., 694.

¹⁶ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, ed. cit., 684.

¹⁷ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, ed. cit., 694 onde se apontam os privilégios e indulgências papais concedidos a essas relíquias.

¹⁸ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, Lisboa, 1652, 332.

¹⁹ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 1652, 334.

do patrono da capela²⁰, que, como sempre, demonstrava a eficácia do seu patrocínio por meio de milagres famosos²¹.

Pelas mesmas datas, ofereceu o mesmo infante uma notável relíquia do Santo Lenho à igreja de Santa Maria da Covilhã – terra de que era senhor – que lhe fora oferecida por Carlos V, quem, como havemos de ver, terá oferecido – diz-se... – outras relíquias a membros da Casa Real portuguesa – e que lá se guardava, fechado com três chaves, «em nicho forrado de setim carmesi», que J. Cardoso diz «milagrosissimo»²².

Em 1560, Fr. Gaspar de Penela, um beneditino, ofereceu à igreja de Ariz, concelho de Benviver (hoje, Marco de Canaveses), de que era abade, que «trouxe de Roma anno de 1560» «hum copioso numero de sagradas Reliquias...» que «collocou em decente Relicario de prata, no meio do qual se vé hũa Cruz formada do S. Lenho, parte de hum Espinho da sagrada Coroa, e parte de hũa Vara, com que foy açoutado innocente Jesu, na noite de sua dolorosa Paixão. E assi mesmo Reliquia do santo Sudario, e Leite de N. Senhora. Enchendo os vãos, alguns ossos de varios sanctos, a saber dos Apostolos S. Bartholomeo, S. Andre, Sanct-Iago Menor, e S. Mathias. Outrossi, de S. Martinho Papa, e Martyr, e de S. Martinho Bispo, e Confessor e de outros sanctos cujos nomes extinguiu o tempo...»²³. De qualquer modo, prevenindo dúvidas e críticas a tão repleto relicário, J. Cardoso sempre vai lembrando que, de nominadas e de anónimas, sempre foi qualificada pelo «Ceo com notorias

²⁰ Patrick J. GEARY, *Le vol des reliques au Moyen Age. Furta Sacra*, Paris, 1993, 100, 153, 160, 166-167.

²¹ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 338.

²² Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, III, Lisboa, 1666, 55, na copiosíssima notícia sobre as mais importantes relíquias do Santo Lenho existentes em Portugal, em que recorda ainda o Santo lenho que pertenceu à Infante Isabel de Bragança na mão de quem teria estilado «sangue em quantidade considerável». O que Jorge Cardoso não diz como o jesuíta António FRANCO, *Évora Ilustrada*, 158 é que este Santo Lenho teria sido furtado pela Infante a um peregrino e «quando o cortou para o furtar, correu dele sangue. E cada uma das ametadas milagrosamente ficou do tamanho que era o todo. Deste mesmo Santo Lenho há uma Relíquia no Santuário da igreja da Companhia de Évora metida no peito de um crucifixo de alabastro» que, segundo Jorge Cardoso no lugar citado, tinha pertencido ao cardeal-rei D. Henrique, mas António FRANCO, *Évora Ilustrada*, ed. cit. 255, esclarece que esta última relíquia inserida no peito do crucifixo de alabastro veio do Santo Lenho da infante Isabel, mas não é a da cruz do cardeal. Curiosamente, também o mosteiro das clarissas das Chagas de Vila Viçosa se reclamava de possuir a mesma (ou da mesma?) relíquia, pois, segundo Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica serafica da santa provincia dos Algarves*, IV, 21, 10, Lisboa, 1758, 551 «esta segunda reliquia [Santo Lenho] foi donativo da senhora Rainha Dona Catharina, mulher do senhor D. João III, em memoria de estar sepultada neste Mosteiro a Infante Dona Isabel, mulher do Infante D. Duarte».

²³ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, III, ed. cit., 45-46.

maravilhas, a infallível certeza destes sacros despojos», cuja festa de transladação se celebrava a 3 de Maio²⁴.

Um pouco mais tarde, em 1565, no regresso da congregação geral convocada por Francisco de Borgia, o Padre Inácio de Azevedo, que veio a ser martirizado em 1577, trouxe de Roma onde alcançou de Pio V «muitas cousas boas», «muitas e mui grandes reliquias» oferecidas pelo mesmo papa, de que, como já sabemos, a mais notável deveria ser «huma cabeça das onze mil Virgens»²⁵. Talvez tivesse a mesma origem uma relíquia do Santo Lenho cujo destino, tal como essa cabeça de uma das onze mil Virgens, seria o Brasil aonde haveria de ir como missionário. De certo, como já sabemos, só que essas duas foram, juntamente com outras «cousas sagradas e relíquias», «espedaçadas, lançadas pello conves da nao» pelos piratas calvinistas. Efectivamente, a esse «meo corpo em que hia metida huma cabeça das onze mil virgens andando com elle lhe tirarão a sagrada cabeça de dentro e a quebrarão e fizerão em pedaços e a lançarão pello chão...» e essa «cruz feita do verdadeiro Lenho em que Christo Nosso Senhor nos redemio, davão ao Irmão João Sanches que já era seu cozinheiro que a lançasse no fogo...»²⁶.

Quando, em 1578, Sebastião de Portugal partiu para a campanha no Norte de África onde veio a morrer em 4 de Agosto, deixou à guarda de D. Leonor Pimentel, que fora sua ama, a cabeça de um dos reis Magos. Por morte desta senhora, tal insigne relíquia ficou na posse de D. Filipa de (...), que, por sua vez, a legou à capela de S. Bento do convento de S. Francisco da Terceira Ordem Regular em Viana do Alentejo onde quis ser sepultada. Contas feitas, como estes minoritas só tomaram conta do convento em 1580²⁷, é provável que a «sancta cabeça, joia de inestimavel valor», aí tenha sido depositada nos fins do século XVI ou começos de Seiscentos em «vistoso sanctuario de reliquias»²⁸. De todos os modos, se das outras que a acompanhavam nada, infelizmente, sabemos, da autenticidade da atribuição da «milagrosa cabeça» a «hum dos sanctos tres reis Magos» não era, então, possível duvidar, já que, «engastada em prata», mostrava uma «inscrição no craneo da propria letra da rainha D. Catarina, que o declara», isto é, estava autenticada nada mais nada menos que

²⁴ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, III, ed. cit., 46, 60-61.

²⁵ «Relaçam da gloriosa morte do Padre Ignacio de Azevedo da Companhia de Jesu e seus companheyros que forão mortos polos hereges no anno de 1570 indo pera o Brasil» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit., 184.

²⁶ «Relaçam da gloriosa morte do Padre Ignacio de Azevedo da Companhia de Jesu e seus companheyros que forão mortos polos hereges no anno de 1570 indo pera o Brasil» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit., 260

²⁷ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 58.

²⁸ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 51.

pela avó do aventureiro e desditoso rei, Catarina de Áustria²⁹, ela que «com singular devoção toda a vida procurou relíquias para por sua morte as deixar a vários conventos deste Reino»³⁰. Como teria vindo para Portugal tal relíquia? Ou a sua invenção – no sentido etimológico e no do uso hagiográfico e litúrgico da palavra – teria sido semelhante à de uma «boa quantidade dos mysticos dões, ouro, encenso, e myrra, que os sanctos Magos offerecerão a Christo Jesu, tenro Infante...» que, em 1620, se achou em «huma arca de pedra» sob o altar de S. Julião do Pereiro (Pinhel)³¹? Para o autor do *Agiológico Lusitano*, «se em cousas incertas tem lugar as conjecturas, julgamos a mandaria o Emperador Maximilano á Rainha D. Leonor mulher que foi del rei D. João II, juntamente com o corpo de Santa Auta por satisfazer a grande piedade desta devota Rainha, o qual de Colonia Agripina an. 1517 lhe mandou»³². A hipótese do insigne estudioso tem a sua lógica – em Colónia veneravam-se, desde o século XII, as relíquias dos Magos³³ –, mas falta-lhe, como reconhece, um apoio documental, mesmo se pictórico como o que, admiravelmente, ainda hoje patenteia a chegada do corpo de Santa Auta.

Ultrapassando um pouco os limites dos dois casos que mais pormenorizadamente recordaremos, chamemos ainda a atenção para mais três, um dos fins do século XVI e dois dos começos do século XVII que podem servir, como os anteriores, não só para apontar a continuação desse reinteresse pelas relíquias, mas também para assinalar quanto essas vindas de relíquias a Lisboa (1588) e Coimbra (1595) se destacam nesse movimento quer pela sua quantidade quer pela glorificações festivas que as envolveram, conferindo-lhes, muito possivelmente, um significado próprio.

O primeiro diz respeito à relíquia do Santo Lenho que o P. Pedro da Fonseca, S.J., ofereceu à igreja da Misericórdia de Proença-a-Nova, donde era natural. Tinha-lhe sido oferecida por Clemente VIII, papa entre 1592 e 1605,

²⁹ Jorge CARDOSO, *Agiológico Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 58: «Entre outras relíquias ennobrece esta casa a preciosa cabeça de hum dos sanctos tres Reis Magos, engastada em prata, com inscrição no craneo da propria letra da Rainha D. Catharina, que o declara».

³⁰ Jorge CARDOSO, *Agiológico Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 185. Entre os conventos contemplados pela rainha com relíquias o «de Bethlem (por muitos títulos) ficou preferido. Entre ellas lhe coube a cabeça da gloriosa Virgem e Martyr S. Prisca, natural de Roma, que padeceo martyrio an.271...»; ainda de acordo com Jorge Cardoso, D. Catarina, como veremos, deixou à casa de S. Roque a cabeça de Santo Ethereo.

³¹ Jorge CARDOSO, *Agiológico Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 58.

³² Jorge CARDOSO, *Agiológico Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 58.

³³ M. ELISSAGARAY, *La légende des Rois Mages*, Paris, 1965; M. BUSSAGLI - M. G. CHIAPPORI, *I Re Maggi*, Milano, 1985.

durante uma estadia do jesuíta em Roma³⁴. Se Jorge Cardoso não se equivocou, a oferta papal teria sido feita entre 1592 e 1599, ano da morte do célebre jesuíta, mas havemos de recordar que a estadia mais longa de Pedro da Fonseca em Roma, como assistente da província portuguesa da Companhia, parece ter decorrido entre 1572 e 1582, ano em que regressa a Portugal³⁵. Teria voltado uma vez mais à cidade papal e então de lá trazido a «milagrosíssima» relíquia? De qualquer modo, será ele que, enquanto propósito da casa professa de S. Roque (1582-1589), há-de receber essa grande colecção de «sacros restos» que na igreja dessa casa entrará em 1588.

O segundo, refere-se às relíquias dos santos Urbano, Aniceto, Fabião, Bonifácio, Patricio, Marnilino, Iúlio, Brás, Sérgio, Teodoro «e outros» que Fr. Damião Vaz, freire de Avis e, então, capelão real, alcançou em Roma, em 1601³⁶, para o convento de Avis, mas que aqui só vieram a ser depositadas em 1619³⁷. Foram retiradas do cemitério de Calixto por um breve de Clemente VIII, e reconhecidas por D. José de Melo, da Casa dos Marqueses de Ferreira, então agente de negócios de Portugal em Roma (1604-1608)³⁸ e futuro arcebispo de Évora³⁹.

Curiosamente, o mesmo D. José de Melo trouxe também de Roma, logradas nos mesmos tempos da sua missão de agente de Portugal, isto é, entre 1604 e 1608, «grande numero de reliquias com que enriqueceo varios conventos deste Reino»⁴⁰. Tê-las-á trazido quando regressou, ou da cidade papal as terá feito vir antes de para lá ter ido como diplomata? A pergunta parecerá pertinente se recordarmos que, de acordo com Jorge Cardoso, o corpo de Santa Anastácia – uma das mais notáveis que trouxe – foi trasladado para o mosteiro das clarissas das Chagas de Vila Viçosa em 26.2.1600⁴¹, data que não vem corrigida nas erratas, cuidado que o autor teve em relação a uma outra da mesma página. A ser assim, a solução que tal pergunta sugere poderia parecer aceitável,

³⁴ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, III, ed. cit., 55.

³⁵ Friedrich STEGMÜLLER, *Filosofia e Teologia nas universidades de Coimbra e Évora no século XVI*, Coimbra, 1959, 64-65.

³⁶ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 144.

³⁷ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 139.

³⁸ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, Lisboa, 1747 (aliás, Coimbra, 1966), 877; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* (Nova ed. preparada e dirigida por Damião Peres), II, ed. cit., 642-643.

³⁹ António FRANCO, *Évora Ilustrada*, ed. cit., 162-163, *et passim*.

⁴⁰ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 50; António FRANCO, *Évora Ilustrada*, ed. cit., 162.

⁴¹ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 530.

construída embora sem outro apoio que uma provável errata não corrigida. Aliás, o autor do *Agiologio Lusitano* indica que os «tres corpos inteiros, a saber S. Hilario B e M., S. Clemente M., e o da gloriosa S. Anastacia forão a elle [mosteiro das Chagas] trazidos com solemne procissão, e pompa, posto que em diversos dias»⁴². Assim, se o corpo de S. Clemente foi trasladado em 5.3.1610⁴³ e o de Santo Hilário, «tirado do cemiterio de Calixto, no Pontificado de Paulo V [1605-1621], com expressa licença sua, teve a sua festa de traslado, «com solemne procissão» e «grande aplauso e regozijo» para o mosteiro de Vila Viçosa em 16.3.1610⁴⁴, o mais certo será ler que Santa Anastácia foi trasladada a 26.2.1610⁴⁵, o que permite visionar uma cadência festiva que sublinharia a devoção e esperança de protecção e milagres – que, aliás, faziam⁴⁶ – e a magnificência da oferta, por parte de quem, nesse ano, viria a ser eleito bispo de Miranda e, quase ao mesmo tempo, elevado a arcebispo de Évora⁴⁷.

Pelas mesmas datas e igualmente trazida de Roma, ofereceu D. José de Melo às clarissas da Guarda a cabeça de S. Félix, presbítero e mártir, que foi depositada, «com grande decencia e veneração», na capela da rainha Santa Isabel situada no claustro do mosteiro, embora nada se nos diga se a sua traslado se verificou com as solenes procissões que acompanharam as de Vila Viçosa⁴⁸.

Terá D. José de Melo oferecido outras relíquias a outros mosteiros? Ou os «varios conventos» que refere Jorge Cardoso e António Franco são estes dois – o das Chagas de Vila Viçosa e o da Guarda, ambos de clarissas? Qualquer venha a ser a resposta, podemos bem suspeitar que, pela grandeza – grande é um adjectivo com que, geralmente, cronistas..., hagiógrafos..., memorialistas... insinuam o valor de uma relíquia – dos «sacros restos» que ofereceu a essas duas casas e pela actividade que entrevemos no reconhecimento das de Avis, D. José de Melo foi, em Roma, um bom negociador de «divinos restos» e, depois,

⁴² Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 530.

⁴³ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 50, 56.

⁴⁴ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, ed. cit., 189, 482.

⁴⁵ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, ed. cit., 56 diz que D. José de Melo depositou os três corpos de santos no mosteiro das Chagas de Vila Viçosa em 1610.

⁴⁶ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 530; II, ed. cit., 38.

⁴⁷ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, II, ed. cit., 642-643.

⁴⁸ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, ed. cit., 46, 153.

um liberal repartidor deles, o que, certamente, não deixou de pesar no seu *cursus honorum* que culminou na sua eleição a arcebispo de Évora.

Em qualquer destes casos, porém, apesar da elevada posição social ou religiosa de quem as doava, o recebimento das relíquias não mereceu destaque especial que nos leve a pensar em festas que fossem além do tradicional e liturgicamente exigível, mesmo se em Vila Viçosa se alude ao regozijo, solenidade e pompa das trasladações. Mas na terra residiam os duques de Bragança e o convento – sempre «povoado de gente muito nobre e fidalga, não entrando nele outro género de gente»⁴⁹ – estava paredes meias com o palácio dos mesmos, que eram, naturalmente, os seus protectores e dele fizeram, muitas vezes, panteão, especialmente dos membros femininos da família⁵⁰.

De nenhuma das poucas relíquias até aqui examinadas o valor e a sua função simbólica parecem ter dependido do quadro das circunstâncias históricas dos seus recebimentos, já que de nenhuma, apesar da referências aos milagres que operavam, se diz pertencer a um santo qualificado de «especializado» em determinado tipo de protecção, e, conseqüentemente, de milagres, como seriam, por exemplo, S. Roque (Peregrino) e S. Sebastião contra a peste. É bem sabido quanto este mal – de origem e sintomatologia nem sempre constantes e idênticas⁵¹ – continuou a afligir os tempos de Quinhentos – e não só em Portugal – ainda que, entre nós tenha sido particularmente violenta em 1505-1506, em 1569, em 1580 e depois nos fins do século⁵². Assim se explicará que, segundo se diz, Manuel I tenha feito vir de Veneza uma relíquia de S. Roque⁵³ e que a S.

⁴⁹ António de Oliveira de CADORNEGA, *Descrição de Vila Viçosa* (Introd., proposta de leitura e notas por Heitor Gomes Teixeira), Lisboa, 1983, 36; Jerónimo de BELÉM, *Chronica serafica da santa provincia dos Algarves*, IV, 21, 7-28, ed. cit., 541-617.

⁵⁰ Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica da santa provincia dos Algarves*, IV, 21, 12, ed. cit., 562-565.

⁵¹ Mário da Costa ROQUE, *As pestes medievais europeias e o «Regimento proveytoso contra há pestença»*, Lisboa, Valentim Fernandes [1495-1496]. *Tentativa de interpretação à luz dos conhecimentos pestomológicos actuais*, Paris, 1979, 40-44, 136-142; José Adriano de Freitas CARVALHO, *Pauperismo e sensibilidade social em Espanha nos fins do século XVI* in *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Série Filologia*, I, 1973, 5-51 (16-21).

⁵² Mário da Costa ROQUE, *As pestes medievais europeias...*, ed. cit., 261-262; Pero Roiz SOARES, *Memorial* (Leitura e revisão de M. Lopes de Almeida), Coimbra, 1953, 16, 150, 340; António FRANCO, *Évora ilustrada*, ed. cit., 147, 155, 315 recorda igualmente as pestes de 1505-1506, 1569 e 1580 em Lisboa, Évora e Setúbal.

⁵³ Baltasar TELES, *Chronica da Companhia de Jesus na provincia de Portugal*, II, 4, 21, Lisboa, 1647, 93, a propósito das origens da casa professa de S. Roque, oferece, ainda que vagamente e apoiado em tradições – «conforme contam» – não mais bem precisadas, as notícias mais verosímeis sobre a vinda dessa relíquia. Segundo tal relato, durante uma crise de peste nos começos do seu reinado, o Venturoso, tendo sabido da fama dos milagres de S. Roque na cura dos apestados em França e Itália, solicitou à Senhoria de Veneza que guardava o corpo do santo, algumas relíquias suas. Atendido o pedido, «foram recebidas do Augustissimo Rey, da Corte e de todo o mais povo, com grande devaçam e confiança, que o santo largamente ao diante remunerou». Circunstâncias e conseqüências verosímeis, estas, pelo menos, até à chegada da relíquia de S. Sebastião... Da obra de

Sebastião, como recorda Jorge Cardoso, «a piedade portuguesa não soe lhe erigio templos, e consagrou altares, mas celebra sua festa com publicas procissões, dias de guarda e maiores officios, tomando-o por Patrono contra aquelle rigoroso mal, que muitas vezes affligio este Reino, de cujas sagradas reliquias e milagrosas imagens todo elle se vé gloriosamente enriquecido»⁵⁴. Não vale a pena repetir aqui a variada lista de exemplos com que o autor do *Agiolégio Lusitano* documenta a sua afirmação⁵⁵, mas terá algum interesse comentar o que se sabe sobre a vinda de um braço de S. Sebastião para Lisboa onde foi acolhido por João III que, embora «não cabendo de prazer com tal thesouro», como é possível acreditar fiados na palavra de Jorge Cardoso⁵⁶, também não deixou de ter momentos de escrúpulos e dúvidas devidos à pouco clara origem e autenticidade de tão valiosa relíquia. Curiosamente, dos recebimentos de tais «sacros restos» – de S. Roque e de S. Sebastião – não parece haver rastros documentais, já que, exceptuando as vagas e tardias notícias de Baltasar Teles, nem crónicas nem memórias parecem deles ocupar-se, o que é estranho dada a categoria das relíquias e de quem as pediu ou recebeu⁵⁷. Como terão sabido Baltasar Teles da «grande devaçam e confiança» com que a corte manuelina recebeu as relíquias de S. Roque e Jorge Cardoso do grande «prazer» que teve o Piedoso ao receber o braço de S. Sebastião?

Do braço do mártir cujo corpo, apesar de oferecido por Eugénio II a Alcuino em 825 que o colocou no seu mosteiro de Soissons, foi também solenemente trasladado por Gregório IV da sua catacumba para a capela de S. Gregório Magno na catedral de S. Pedro (Roma)⁵⁸, não sabemos de ciência certa nem a origem nem a data exactas da sua transladação para Lisboa nem qualquer causa próxima que a determinasse⁵⁹, apenas conhecendo quem a

Baltasar Teles parecem derivar os poucos dados que Mário da Costa ROQUE, *As pestes medievais europeias...*, ed. cit., 262-263 traz sobre a vinda das relíquias de S. Roque para Lisboa.

⁵⁴ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, II, ed. cit., 98.

⁵⁵ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 203-204.

⁵⁶ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 204.

⁵⁷ Efectivamente nem Damião de Góis em *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* nem Francisco de Andrada em *Crónica de D. João III* nem uma compilação como as *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Istórias e ditos galantes que sucederão e se disserão no Paço* (ed. de Christopher L. Lund), Coimbra, 1980 – onde tanto «fait divers» se colecionou – contêm, se mal não lemos, qualquer referência a essas transladações.

⁵⁸ Patrick J. GEARY, *Le vol des reliques au Moyen Age*, ed. cit., 69, 88; Réginald GRÉGOIRE, *Manuale di Agiologia. Introduzione alla letteratura agiografica*, Fabriano, 1987, 326-328 aponta algumas pistas para «alcuni fenomeni di bilocazione e di trilocazione» das mesmas relíquias.

⁵⁹ Rebates de peste? É possível, se pensarmos que tanto Fr. Diogo do ROSÁRIO, O.P. na primeira parte da sua *Historia das vidas e feitos heroicos e obras insignes dos santos*, Braga, Antonio Maris, 1566, lxxxj, como os inquisidores em 1570 contradizendo a Fr. Valentim da Luz (J. S. da Silva

transportou e que já em 11.6.1531 poderia estar na posse de João III⁶⁰. Com efeito, nessa data o Dr. Brás Neto, agente de Portugal em Roma cujo encargo principal dizia respeito ao estabelecimento da Inquisição⁶¹, informando o soberano dos resultados das diligências que, por ordem do rei, vinha fazendo acerca da origem e da autenticidade da famigerada relíquia, começa por escrever: «Quanto à reliquias de sam Sabastiam vieram de milão duas cartas por duas vezes, em que afirma hum, a quem de qua escreveo hum homem de bem, cortezão, natural de laa, em que diz perguntou fregueses velhos e antigos e hum clerigo antygo da igreja de sam sabastião de milão, e que dizem que nunca tal ouviram nem de tal sabem parte...»⁶², o que parece tornar legítimo

DIAS, *Erasmismo e inquisição em Portugal. O processo de Fr. Valentim da Luz*, ed. cit., 119) indicam que depois que veio a relíquia de S. Sebastião tinha cessado a peste em Portugal. Tal convicção poderia permitir deduzir que antes teria havido rebates que justificariam o desejo de D. João III em trazer para o reino uma relíquia do mártir. Pero Roiz SOARES (*Memorial*, ed. cit., 19), referindo-se à grande peste de 1569, diz que «como avia 39 annos que a Portugal não viera este mal e o não conhecião huns zombavam disso outros despiriença e idade afirmavãono e logo no mês de junho veyo todavia a ser este Rumor tão grande que sertificandoo alguns ser peste mandou eRei fazer ajuntamento de fisicos...», notícia que, confirmando as deduções de Fr. Diogo do Rosário e pondo, até certo ponto, em causa os argumentos do promotor fiscal contra o eremita de Santo Agostinho, aponta igualmente para o início de um largo período livre de peste em contraste, ao parecer, com tempos anteriores.

⁶⁰ Sousa VITERBO, *Mensageiros reaes in Archivo Historico Portuguez*, I (1903), 109-115, tratando de Francisco de Vila Nova, o transportador do braço de S. Sebastião para Portugal, aponta, com razão, que entre 1531 e 1539 já a relíquia se encontrava na posse de João III. Tendo em conta as diligências do Dr. Brás Neto em Roma e em Milão – a que nos referiremos –, pensamos que poderá ter chegado um pouco antes ou, como limite *ad quem*, em 1531. Dona Carolina Michaëlis na *Addenda et corrigenda* aos vv. 100-105 da *Elegia (III) à morte do príncipe dom João filho del Rei Dom João o Terceiro* de Sá de Miranda (*Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, 1885, 854) também pensa que o braço de S. Sebastião «já estava na capital na última pestilencia que affligira Portugal, o que foi de 1527-1529».

⁶¹ Alexandre HERCULANO, *Historia da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*, ed. cit., I, 211-215.

⁶² Sousa VITERBO, *Mensageiros reaes in Archivo Historico Portuguez*, I (1903), 112, publica a parte desta importante carta que diz respeito ao assunto da relíquia de S. Sebastião, documento que, para facilitar alguma interpretação que dele propomos, também copiamos aqui a partir da sua edição no *Corpo Diplomático Portuguez*:

«Senhor [...] Quanto ás reliquyas de sam Sabastiam vieram de milão duas cartas per duas vezes em que afirma hum, a quem de qua escreveo hum homem de bem cortezão natural de laa, em que diz que perguntou fregueses velhos e antigos e hum clerigo antygo da igreja de sam sabastiam de milão, e que dizem que nunca tal ouviram nem de tal sabem parte. Agora mandey pyntar o braço asy como de laa veo pera me ficar este que qua tenho pera mandar fazer outra diligencia e mandar saber se há outro Sam Sabastiam em milão, e se o ouver fazer outra tal diligencia com a mesma pintura, e o que achar escreverey a Vosa Alteza. E verdadeyramente que a reliquya , segundo está e eu a vy em coymbra, parece me que deve ser verdadeyra, e será de outra igreja e nom de san sabastyam de milam.. E certo, Senhor, que eu nom curaria de mais inquirir isto, e tel a hia em veneraçam por honra de sam sabastyam, segundo lha o papa concede; que muitos lenhos há hy, que dizem que são do lenho da vera cruz e o nom são, e asy os cravos e tambem a lança que aquy está em roma, que dizem que he a com que foy dada a lançada a nosso Senhor Jesu christo, e nom há

pensar que o rei, ao ser-lhe trazida a relíquia, foi assaltado pela dúvida sobre a sua origem e, logo, sobre a sua autenticidade. Quem lha ofereceu – melhor, talvez, quem lha mandou oferecer – ter-lhe-á feito saber que provinha da igreja de S. Sebastião de Milão, só que, pelos vistos, dessa igreja da cidade lombarda não parecia provável, pois, como o desenganava o seu agente, ninguém sabia que em tal templo tivesse existido tal relíquia. Talvez em outra da mesma cidade, e para tal ou outra eventualidade, o diligente diplomata diz: «Agora mandey pyntar o braço asy como de laa veo, pera me ficar este que qua tenho e mandar fazer outra diligencia, e saber se ha outro Sam Sabastiam em milão, e se o houver mandar fazer outra tal diligencia com a mesma pintura...», afirmações que nos seus reiterados – mas, nem por isso, muito claros – termos, apenas – de seguro – indicam que, para facilitar as suas diligências, tinha mandado fazer uma pintura da relíquia. De qualquer modo, vai adiantando ao rei que «verdadeiramente que a reliquia, segundo está e eu a vy em coymbra, parece que deve ser verdadeira...»⁶³ – o que nos remete para as dúvidas que assaltavam o rei –, e, por isso, garantindo que continuará as suas diligências, remata, não sem antes recordar outras relíquias tão veneradas como duvidosas: «E certo, Senhor, que eu nom curaria de mays inquirir isto, e tel a hia em

outra prova disso senam dizerem que o foram e são verdadeyros, e posto que nom aja outra prova disso pella mayor parte que fama, nom se leyx a de se lhe fazer mui grande veneraçam. Eu, Senhor, comtudo nom leyxarei de hir ao cabo com a deligencia e inquisiçam pera ver se posso achar algum rasto [...] De Roma onze dias de junho de 1531 annos» in *Corpo diplomatico portuguez contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal...* Publicado de ordem da Academia Real das Sciencias por Luis Augusto Rebello da Silva, II, Lisboa, 1865, 322-329 (325).

⁶³ Sousa VITERBO, *Mensageiros reaes* in *Archivo Historico Portuguez*, I (1903), 111 pensa que o Dr. Brás Neto «estava encarregado de alcançar a desejada reliquia», afirmação que não resulta da letra do documento. O que sabemos é que o agente de D. João III estava encarregado de averiguar a autenticidade da relíquia. Por outro lado, é possível que o famigerado braço já estivesse nessa data em Portugal, pois, de outro modo, não se compreende muito bem que o rei tenha posto questões sobre uma relíquia que ainda não conhecia. No entanto, havemos de confessar que esta interpretação encontra algumas dificuldades derivadas da letra da carta. Quando Brás Neto diz que mandou «pintar o braço tal como de laa veo» – de Milão? – para com essa pintura mandar fazer outras diligências que se oferecessem e, assim, lhe «ficar este que qua tenho», a que se refere concretamente «este»? Ao braço que tem e que lhe diziam ter vindo de Milão onde ninguém o conhecia? Mas, então, qual a origem das questões do rei? Ou a um retrato que já tinha da relíquia e pelo qual mandou tirar «agora» outra pintura para, guardando consigo – por segurança, por exemplo – esse que tinha, mandar fazer outras diligências? No primeiro caso, a relíquia em Junho de 1531 ainda estava em Roma, no segundo já deveria estar em Lisboa.

No mesmo lugar, o eruditíssimo investigador crê que «a consciencia do nosso diplomata vê-se em serios embaraços para averiguar a autenticidade da reliquia do martyr, que viera de Milão, quando outra idêntica existia em Santa Cruz de Coimbra», o que não parece ser verdade, pois a comparação com a relíquia de Coimbra serve-lhe exactamente para sugerir a autenticidade da que possuía D. João III. No entanto, Brás Neto parece equivocar-se quando diz que viu essa outra relíquia idêntica em Santa Cruz, pois o célebre tesouro do mosteiro coimbrão só a partir de 1595 poderá contar uma cana do braço de S. Sebastião. O que possuía até essa data era um dente do mártir, relíquia antiga que, como veremos, desfilou na procissão do recebimento de 1595 no mesmo relicário do braço «novamente» chegado.

veneraçam por homra de sam sabastyam, segundo lha o papa concede...». A que conclusões chegou o Dr. Brás Neto não sabemos, mas o braço do mártir, declarado padroeiro da cidade e defensor do reino – dignidades que compartia com S. Vicente –, foi colocado em S. Vicente de Fora, mosteiro dos mesmos cónegos regrantes que, ainda que pudesse constar que possuíam o outro seu braço em Coimbra, do mártir apenas tinham um dente... Conhecemos ainda que foi um Francisco de Vila Nova, Cavaleiro da Ordem de Cristo, quem a trouxe para Lisboa em 1531 ou, dadas as distâncias e as demoras, talvez mesmo um pouco antes, pois, anos depois, em 1539 e em 1548, João III ainda o recordará e, a tal título, continuará a recompensar um seu filho, de igual nome, então morador em Jeréz de la Frontera⁶⁴. Do que fica resumidamente exposto, parece ser fácil concluir que, contrariamente ao que se vem afirmando, tal relíquia não foi oferecida por Carlos V a seu cunhado João III⁶⁵, já que na documentação coeva não há a mínima alusão a essa origem, e se a houvesse não se teria empenhado tanto o rei português em procurar determinar a sua origem e autenticidade. A autoridade imperial deveria bastar-lhe. Que foi furtada – ou dizia-se ter sido furtada em Milão durante o saque de Roma (1527)⁶⁶ – parece ser verdade que, dúvidas à parte, se aceitou, pois João III – se, no meio de tradições, leu bem Jorge Cardoso –, terá pedido absolvição papal por ser pio receptor de um «furtum sacrum»⁶⁷. Depois, com o nascimento de D.

⁶⁴ Sousa VITERBO, *Mensageiros reaes* in *Archivo Historico Portuguez*, I (1903), 110 pensa, por despiste de leitura, que o Francisco de Vila Nova, morador em Jerez de la Frontera, que em 1539 recebeu de João III uma tença de 20.000 reais, teria igualmente sido agraciado com o hábito de Cristo, tudo por ter sido quem conduziu o braço de S. Sebastião para Portugal. Ora, segundo a documentação publicada pelo próprio Sousa Viterbo, quem recebeu uma tença de 30.000 reais – dos quais deviam sair aqueles 20.000 –, «por trazer a estes Reinos o braço de Sam Sebastiam», foi o pai de Francisco de Vila Nova igualmente chamado Francisco de Vila Nova... Aliás, da carta do rei em que concede esses 20.000 a Francisco de Vila Nova (filho) não se deduz que Francisco de Vila Nova (pai) tenha recebido o hábito de Cristo por recompensa da mesma missão, se não que era Cavaleiro da Ordem de Cristo.

⁶⁵ A afirmação de que o braço de S. Sebastião tinha sido oferecido a João III pelo imperador Carlos V, seu cunhado, parece arrancar de afirmações de Dom Nicolau de SANTA MARIA em *Chronica dos Conegos Regrantes* (texto que também cita Sousa Viterbo) e donde copiam Diogo Barbosa MACHADO, *Memórias para a historia de Portugal que comprehendem o governo del rey D. Sebastião*, I, Lisboa, 1736, 9; Júlio de CASTILHO, *Lisboa antiga. Bairros orientais*, VII, Lisboa, 1937, 78; Queiroz VELLOSO, *D. Sebastião (1554-1578)*, Lisboa, 1945, 16, autores que terão igualmente conhecido a *Chronica d'El Rei D. Sebastião* de Fr. Bernardo da Cruz que se cita na nota seguinte.

⁶⁶ Bernardo da CRUZ, *Chronica d'El Rei D. Sebastião*, Lisboa, 1903, I, 23; Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 204.

⁶⁷ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 204: «El Rei pediu depois absolvição deste piadoso furto ao Papa Clemente VII. como consta de hum breve, que anda no 2 l. das bullas da Torre do Tombo fol. 35 expedido em Roma à 17.de Março de 1531que começa: *Cum itaque etc.*».

Sebastião (1557) no dia da sua festa litúrgica e por cuja ocasião foi sacada em solene procissão – e em honra de quem foi imposto esse nome ao rei – e a peste de 1569 não fizeram senão aumentar uma veneração que, a nível literário, os poetas não esqueciam⁶⁸.

Mais tarde, como é igualmente sabido, Gregório XIII enviou a D. Sebastião, satisfazendo um pedido do rei, uma das setas do mártir «banhada em seu sangue»⁶⁹ e que destinava ao templo que, já antes do voto que fizera durante a peste de 1569, tinha decidido levantar em honra do santo de seu nome e que nunca, nem mesmo com os interesses de Filipe II, foi avante⁷⁰.

Desde outra vertente, dos exemplos que acabamos de expor – poucos, mas talvez significativos pela variedade de circunstâncias (santos envolvidos, origem, ofertantes, destinatários, cronologia, etc.) – parece ser legítimo insinuar que as relíquias a que dizem respeito parecem ter sido trazidas por quem as ofereceu e vistas por quem as recebeu e por todos os que as veneravam em procissões e exposições em certos momentos – jubiléus..., comemorações de trasladação..., etc. – como santos exemplares..., taumatúrgicos..., protectores..., e ainda defensores verdadeiramente «especializados» como um S. Roque ou um S. Sebastião⁷¹, e não propriamente, num quadro contra-reformista mais estrito – e, logo, mais imediatamente referenciável e emocionalmente mais compreensível e explorável – como santos foragidos a novas ondas de perseguição e martírio desencadeadas pelos movimentos originados em grande parte da Europa reformada e que, por isso, se tinham de acolher, como hóspedes – e, naturalmente, benvindos e gratos benfeitores –, em países católicos como Espanha e Portugal. Uma nota, esta última, que percorrerá a justificação dos recebimentos de 1588 e 1595. E, desde este ponto de vista, se a própria origem romana da quase totalidade das relíquias que, avulsamente, examinamos – resultado da redescoberta das catacumbas⁷² –, não favorecia tal interpretação,

⁶⁸ Sousa VITERBO, *Mensageiros reaes in Archivo Historico Portuguez*, I (1903), 112-113 recorda a passagem (vv. 100-105) da *Elegia* (III) à morte do Príncipe dom João filho del rei Dom João o Terceiro de Sá de Miranda e ainda os versos 9-16 (estrofe 2) da *Oitava* de L. de Camões À seta que o papa mandou a el rei D. Sebastião, a que devem juntar-se as duas estrofes da *Écloga deploratoria ao Senhor Dom Duarte no tempo do mal* de Diogo Bernardes (*Várias Rimas ao Bom Jesus in Obras Completas*, III, Lisboa, 1946, 136).

⁶⁹ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 204.

⁷⁰ Júlio de CASTILHO, *Lisboa antiga. Bairros orientais*, VII, ed. cit., 76-90.

⁷¹ Réginald GRÉGOIRE, *Manuale di Agiologia*, ed. cit., 376-390; Diana WEBB, *Patrons and deffenders. The saints in the italian city-states*, London-New York, 1996; António FRANCO, *Évora ilustrada*, ed. cit., 347 – 348, – e pode valer como um bom exemplo de uma prática que Diana Webb apontou para a Itália medieval e renascentista – refere que, perante o anúncio de uma crise pestífera em 1438, Évora lançou sortes para decidir sobre que santo escolheria como patrono, e «neste trabalho saiu por sorte o Apóstolo S. Tomé, de quem experimento [a cidade] o favor desejado, sendo livre do mal, que muito temia».

⁷² Réginald GRÉGOIRE, *Manuale di Agiologia*, ed. cit., 351.

por outro lado, não deixava de exaltar a centralidade romana e de sublinhar a necessária filiação a Roma, o que, obviamente, era igualmente um modo, ainda que mais «tradicional», muito eficaz de oposição a esses movimentos reformados.

II – De qualquer modo, se os exemplos anteriormente analisados apontam a um constante e tradicional trânsito internacional de relíquias – aqui, um caso de maravilhoso à parte, com origem em Roma, sobretudo –, que as *translationes* – um género hagiográfico bem estudado e de finalidades precisas nas diversas formas que pode revestir⁷³ – consagraram, poderá ser também de algum interesse e oportunidade recordar alguns exemplos de trânsito interno, nacional, a partir de Santa Cruz de Coimbra, antes de mais, nos tempos que nos ocupam.

Em 9.5.1569, o capítulo dos cônegos regrantes do secular mosteiro assentia ao pedido de D. Jorge de Ataíde, bispo de Viseu, no sentido de ser dada «algũa reliquia do glorioso sancto e padre nosso [S. Teotónio] pera a sua see, por quanto fora o augmentador da fee do seu bispado e lhe tinha muita devaçãõ, e que pera a Reliquia estar mais venerada mandaria fazer hum muy rico relicairo, e assi faria em seu bispado o dia de seu passamento ser nuy solenizado, mandando-o guardar...». Os cônegos acederam, além do mais, por «este convento estar em muita obrigação ao senhor bispo por o amor e vontade que sempre mostrou não soo a este convento mas a toda a ordem...»⁷⁴. Apesar da anuência do claustro, talvez a relíquia não tenha seguido, pois, como veremos, quase meio século depois, outro bispo de Viseu fará a translação, muito festiva, de grandes relíquias do mesmo santo.

Na mesma data, o Padre Geral informou igualmente o capítulo que «a duquesa dAveiro e a Senhora Dona Helena comendadeira mor lhe tinhão pedido com muita instancia lhe fizesse caridade de algumas reliquias dos mártires e assi mais lhe tinha pedido o senhor Dom thetonio hũa reliquia de nosso Padre sancto theotonio...». O capítulo, «sabendo quanta era avalia destas senhoras e do senhor dom theotonio e quanto desejavam favorecer nossa congregaçãõ...», acedeu a que a 1ª duquesa de Aveiro, D. Juliana de Noronha, e sua cunhada, a comendadeira de Santos, D. Helena de Lencastre⁷⁵, e D. Teotónio de Bragança, futuro arcebispo de Évora (1578-1603) recebessem os cobiçados «sacros restos» dos Mártires de Marrocos e de S. Teotónio⁷⁶. O provável destino destas relíquias

⁷³ Réginald GRÉGOIRE, *Manuale di Agiologia*, ed. cit., 58-60 com bibliografia importante; Patrick J. GEARY, *Le vol des reliques au Moyen Age*, ed. cit., 32-33.

⁷⁴ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz* (publicadas por Mário Brandão), Coimbra, 1946, 85.

⁷⁵ José S. da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, Coimbra, 1960, 377, 381, 398, 600 chamou a atenção para esta dama no quadro do «movimento iluminista» em Portugal.

⁷⁶ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 85-86.

deverão ter sido os oratórios destas altas personagens – quase reais –, ainda que nada tivéssemos encontrado sobre o assunto.

Em 26.6.1589, depois de algumas dúvidas burocráticas, os cónegos regrantes de Grijó (Porto) viam-se contemplados, como o desejavam há muito, com «hum pedaço de queixada que tinha tres dentes» dos Mártires de Marrocos para a qual já tinham mandado fazer «reliquairo a ella dedicado»⁷⁷.

Em 19.5.1590, a Miguel de Moura, o célebre secretário de Estado e, depois, um dos cinco Governadores do reino, que Cristovão de Moura quis atrair ao partido de Filipe II por meio de relíquias para o mosteiro de clarissas que andava a construir em Sacavém⁷⁸, concediam os cónegos de Santa Cruz, já que «não se[podia] negar a qualidade da pessoa que a pedia» e – talvez, sobretudo – «a necessidade que de seu favor a religião [tinha]», uma relíquia dos Mártires de Marrocos, precisamente destinada a esse seu mosteiro de Santa Clara. Apesar de tudo, os cónegos recomendavam «que o que se desse não fosse cousa muito excessiva»⁷⁹... E donde teria logrado Miguel de Moura a cabeça de Santa Juliana que, «entre grande numero de preciosas reliquias», possuíam as clarissas de Sacavém? Jorge Cardoso não conseguiu determinar a sua origem⁸⁰. Esperemos que não fosse das que lhe prometeria Cristovão de Moura em nome de Filipe II para esse seu mosteiro⁸¹...

Recordemos ainda que em 15.6.1596, os cónegos – agora, como havemos de ver, já enriquecidos com a chegada, em 1595, das relíquias flamengas – o prior e capelães de Santa Justa «pediam que se ouvese nesta caza algũa reliquia de sancta Justa e Rufina lhe fizessem charidade de hũa piquena, e que elles fariam hum reliquairo de prata em que estivesse venerada, e virião a

⁷⁷ ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz, ed. cit., 146, 147-148.

⁷⁸ Bernardo da CRUZ, *Chronica d'El rei D. Sebastião*, Lisboa, 1903, 145-148 oferece os melhores dados sobre a origem e desenvolvimento deste mosteiro, pois, infelizmente, Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Seráfica da provincia dos Algarves...* – província franciscana a que pertencia a casa – não parece que se ocupe da sua fundação e vicissitudes.

⁷⁹ ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz, ed. cit., 148.

⁸⁰ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 451

⁸¹ Miguel de MOURA, *Vida do Secretário d'Estado escripta por elle mesmo*, Lisboa, 1840, 124, 130 refere-se algumas vezes a este mosteiro que tinha erguido na quinta que possuía em Sacavém, mas apenas alude às relíquias que, como fez questão de lembrar a Filipe II, lhe tinham prometido oferecer vindas de S. Lourenço de El Escorial; Queiroz VELLOSO, *O reinado do cardeal D. Henrique*, Lisboa, 1946, 161-162 traz a correspondência de Cristovão de Moura com Filipe II a propósito de relíquias que seriam convenientes para lograr a adesão do Secretário Miguel de Moura ao partido do rei, relíquias que se destinavam precisamente ao mosteiro de Nossa Senhora dos Mártires de Sacavém: «... Si V. M. pudiera hurtar algo a S. Lorenzo, sería gran favor; si no me determino de componer y tocar calaveras de muertos y decir que son de Virgines». Desde outra perspectiva – « de un diferente trato, que podríamos calificar de desvergonzado, com el tema de las reliquias » – Miguel MORÁN e Fernando CHECA, *El coleccionismo en España*, ed. cit., 177, nº17 retomam a mesma documentação.

esta caza todos os annos em procissão pera devação dos fieis e augmento da veneração da sancta...». A tal petição com tantas promessas, os cônegos em capítulo responderam «que avendoa e sendo cousa que se pudesse partir pello meo, lhe desem ametade, e quando não lhe desem toda, com declaração que antes que se lhe dese, mostrase elle dito prior e capelães ho reliquario feito e acabado...»⁸².

Terminemos com lembrar que em 1603, o bispo de Viseu, D. João de Bragança (1599-1609), que estudara filosofia e teologia em Santa Cruz⁸³, trasladou, do mosteiro coimbrão para a catedral da sua diocese, o braço direito de S. Teotónio⁸⁴, talvez cumprindo um desejo que D. Jorge de Ataíde não teria tido ocasião ou tempo de realizar, apesar de, como vimos, lhe terem concedido os cônegos de Santa Cruz uma relíquia do mesmo santo. E, tendo ele próprio recebido dois artelhos dos dedos da mão direita para o seu oratório pessoal⁸⁵, fê-lo com grandiosidade de cerimónias litúrgicas e festejos populares, recusando, porém, que o recebimento incluísse, como pretendia a Câmara da cidade, uma corrida de touros, por não dizer bem uma festa gentílica com ocasião tão sagrada⁸⁶...

Se, por um lado, o pedido do prior de Santa Justa, que acima ficou registado, pode sugerir a fama do tesouro de relíquias de Santa Cruz – um tesouro que, como sabemos, acabava de ser engrandecido em 1595 –, por outro, a ignorância – só suplantada pela sua liberalidade – que os cônegos patenteiam sobre esse mesmo tesouro, quer dizer, sobre as relíquias que o integravam, é, para nós, outro modo de sublinhar a sua riqueza, uma riqueza que, como havemos de ver, reconheciam os próprios cônegos andava mal «agasalhada». E dentro desta ordem de ideias, não será difícil aceitar que os outros pedidos examinados são outros tantos sinais dessa fama e, por esses dias, parecem consagrar Santa Cruz como um centro interno de difusão de relíquias e, talvez, até como uma câmara de raridades não só históricas – armaduras reais, por

⁸² ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz, ed. cit., 162.

⁸³ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, II, ed. cit., 672.

⁸⁴ Nicolau de SANTA MARIA, *Chronica da Ordem dos conegos regrantes do patriarcha Santo Agostinho*, I, Lisboa, 1668, 9, 5, 193-195; Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 323.

⁸⁵ Nicolau de SANTA MARIA, *Chronica da Ordem dos conegos regrantes do patriarcha Santo Agostinho*, I, 9, 5, 193-195.

⁸⁶ Nicolau de SANTA MARIA, *Chronica da Ordem dos conegos regrantes do patriarcha Santo Agostinho*, I, 9, 5, 193-198 descreve demoradamente esta transladação, recordando ainda que, mais tarde (1631), Viana do Castelo, ao declarar também S. Teotónio seu padroeiro, recebeu igualmente a cana de outro braço do santo; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, II, ed. cit., 673 resume o relato das festas do recebimento da relíquia de S. Teotónio em Viseu..

exemplo⁸⁷ –, mas também exóticas – o «pedaço do corno de unicórnio» que, em 1567, lhe foi oferecido por D. Fulgencio de Bragança, por exemplo também⁸⁸.

III – A partir desta moldura, podemos agora examinar os dois casos de grandes recebimentos de relíquias que, para além do mais, talvez possam tipificar duas situações: um caso – S. Roque – de um templo que, recente, ainda em construção⁸⁹, e certamente, então, ainda não muito rico em relíquias⁹⁰, recebe, na capital do reino, uma vasta coleção (um «novo thesouro»), e outro – Santa Cruz – que, em Coimbra, centro, por antonomásia, da Universidade no reino, à riqueza secular que possui⁹¹, junta igualmente, embora um tanto menos, uma grande quantidade de «sacros restos». Para analisar os dois solenes recebimentos – em ambos os casos parece ter-se evitado falar em trasladação⁹² – temos de recorrer, como fundamental base de trabalho, quer à

⁸⁷ António Gomes da Rocha MADAHIL, *Inventário do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra à data da sua extinção*, I, Coimbra, 1943, 80-82 recorda os aspectos mais salientes da questão da célebre espada de D. Afonso Hneriques que, emprestada a D. Sebastião em 1578, ainda existiria, segundo algumas opiniões, em 1834.

⁸⁸ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 76; sobre sentido da guarda e busca de este tipo de objectos poderá ver-se, sempre com grande proveito, Adalgisa LUGLI, *Naturalia et Mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nelle Wunderkammern d'Europa*, Milano, 1993 e Miguel MORÁN - Fernando CHECA, *El coleccionismo en España*, ed. cit., 153-170 («Coleccionistas del siglo XVI») e 173-178 («Relicarios y camarines: la Contrarreforma y el coleccionismo fantástico»).

⁸⁹ Francisco RODRIGUES, *Historia da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, 182-183.

⁹⁰ É, naturalmente, uma sugestão decorrente do relato do recebimento das relíquias em S. Roque feito pelo Lic. Manuel Campos, que estudaremos, nunca se aludir a grandes tesouros de relíquias possuídos antes de 1588 pela igreja de S. Roque; de acordo com Jorge CARDOSO, *Agiológico Lusitano* II, ed. cit., 35-47, D. Catarina de Áustria († 1578) deixou a S. Roque a cabeça de um Santo Ethereo que parece diferente do que figura no *Martiriológico Romano*; contudo a casa profeta de S. Roque já tinha uma «relíquias notavel» de outro Santo Ethereo, esposo de Santa Ursula a quem segundo o mesmo Jorge Cardoso, poderia pertencer a cabeça deixada pela rainha à Companhia. (Agradeço à Prof^a Maria de Lurdes Correia Fernandes a localização desta informação no *mare magnum* de erudição que é o «seu» *Agiológico*). No entanto, W. TELFER, *The Thresure of São Roque. A sideligh on the Counter-Reformation*, London, 1932, 54 publica a lista das relíquias que Inácio Martins trouxe de Roma em 1572 – onde esteve na reunião que elegeu o sucessor de Francisco de Borgia, Cláudio Everardo Mercuriano (1573-1580), e que, ao aparecer se destinavam a ser repartidas pelas diversas casas da Companhia. Talvez, por isso, o mesmo Geral da Companhia (1581-1615), Claudio Aquaviva, tinha enviado, «pouco tempo antes», um relicário com o Santo Lenho que, «por não se ter ainda publicado» também desfilou na procissão do recebimento em 25.1.1588.

⁹¹ Nicolau de SANTA MARIA, *Chronica da ordem dos conegos regrantes do patriarcha Santo Agostinho*, ed. cit., I, 7, 17-18, 66-79 dedica dois capítulos ao «celebre santuario de reliquias que há no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra».

⁹² A fiarmo-nos em Mercedes AGULLÓ Y COBO, *Relaciones de sucesos. I: Años 1477-1619*, Madrid, 1966, nº 368, em Espanha contaríamos com um breve relato de *translatio* – recebimento em só 1600: *Recibimiento de la santissima reliquia del glorioso sant Vicente Ferrer, que se truxo en la venturosa ciudad de Valencia, com entera noticia de las muchas luminarias, fiestas, galas*

Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa às santas reliquias que se leváram à igreja de sam Roque da Companhia de Jesus aos XXV de Janeiro de 1588. Pello Licenciado Manoel de Campos. Impresso em Lisboa per Antonio Ribeiro. 1588⁹³, quer à

Relaçam do solenne recebimento das sanctas Reliquias, que forão levadas da See de Coimbra, ao Real Mosteyro de Santa Cruz. He carta coriosa, que se escreveo da Universiadade a hum amigo. Per hum sacerdote canonista. Coimbra, Em casa de Antonio de Mariz, com licença da Santa Inquisição, e Ordinario. Anno, 1596⁹⁴.

A estes dois básicos documentos – tão importantes como raros já sob o ponto de vista de género já de empresa editorial – juntaremos ainda alguma documentação – memórias da época e actas capitulares – que a elas aludem. A partir do próprio título – o segundo dir-se-ia uma quase reprodução do primeiro – podemos adiantar que, percorrendo um *cursus* que derivará do cânon e das *translationes*, ambas as relações se ocupam, de modo similar, da chegada de um considerável número de relíquias, da qualidade social de quem as ofereceu, das suas origens, das várias aprovações com que as autoridades eclesiásticas confirmaram a sua autenticidade, e, muito largamente, das festas a que essa chegada deu lugar e que, alguma polémica à parte, envolveram toda a sociedade desses centros urbanos. Ambas publicam ainda, como fecho, as poesias premiadas no respectivo certámen poético⁹⁵, manifestação literária – de segura

invenciones, y solene procesion que se hizo en la dicha ciudad. Valencia, junto al molino de la Rovella, s. a. No entanto, haverá que recordar que Ambrosio de MORALES, *La vida, el martirio, la invencion, las grandezas y las translaciones de los gloriosos niños martires santos Justo y Pastor. Y el solenne triunfo con que fueron recibidas sus santas reliquias en Alcalá de Henares en su postrera translacion*, Alcalá de Henares, En casa de Andrés de Angulo, 1568, é um bom antecedente do género.

⁹³ A licença do Santo Ofício é de 3.6.1588 e o «*Imprimase*», assinado por um *Christophorus* não está datado. Citaremos sempre como *Relaçam do recebimento de S. Roque...* W. TELFER, *The Tresure of São Roque ...*, serviu-se, evidentemente, da obra de Manuel de Campos para estudar o tesouro das relíquias de S. Roque – antes e depois da doação de D. Juan de Borja e de sua mulher, D. Francisca de Aragão – confortando e confrontando os dados do autor da *Relaçam* com outra documentação de arquivo.

⁹⁴ Como o exemplar que utilizamos tem, como todos os que conhecemos, a primeira folha dos preliminares branca, não sabemos se as licenças que traz a obra são as únicas que possuiu: do revisor Pero Paulo Ferrer (Lisboa, 18.4.1596); da Inquisição autorizando a impressão, assinada por Diogo de Sousa e Marcos Teixeira (Lisboa, 20.4.1596). Citaremos sempre como *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*

⁹⁵ A *Relaçam* do recebimento de 1588, depois de indicar os respectivos júris, edita, além das poesias premiadas no certámen que por tal motivo e em tal ocasião se promoveu, algumas composições em latim «das muitas» que, em louvor das relíquias, foram feitas em Lisboa e nas universidades de Coimbra e Évora e ainda «Composições em vulgar, que algúas pessoas por sua devoção fizeram em honra das santas reliquias»; entre os conhecidos estão os nomes de André Falcão de Resende, Diogo Bernardes, Pero de Andrade Caminha, Luis Franco, Simão Machado, Fernão Rodrigues Lobo, etc.; a *Relaçam* do recebimento de 1595, além das do próprio Dom Gaspar dos Reis, edita muitas outras de autores menos conhecidos. De notar que, ao parecer – a redacção e o contexto não ajudam a uma

contribuição para a ressonância dos recebimentos – de que estes dois exemplos serão, muito possivelmente, os primeiros – ou, mais prudentemente, dos primeiros – que, entre nós, se viram impressos. Será fácil de compreender que, desde o nosso ponto de vista, dentro deste último âmbito, destaquemos os três sermões – um em Lisboa e dois em Coimbra – que em tais ocasiões se pregaram e que tanto pelas datas e pelo género como pelos pregadores merecerão, talvez, essa atenção⁹⁶. De qualquer modo, como já aludimos, estes recebimentos contrastam com a discrição – relativa, certamente – que se diria ter envolvido a maior parte dos exemplos de trasladações que referimos, incluindo as de patrocínio real. Ou o que hoje chamamos discrição é apenas a distância entre um contexto cultural em que a devoção às relíquias vinha, antes de mais, referida à piedade tradicional que as alimentava – e que, por isso, se julgava não ser necessário registar –, e um contexto cultural de forte marca contra-reformista em que a mesma devoção se oferecia como um forte sinal de fronteira de cristandade e se revestia das formas ostentosas que o manifestavam?

Qualquer seja a resposta, os exemplos sugerem que, à medida que o século XVI vai chegando ao fim, os recebimentos de relíquias parecem ganhar – como muitas outras manifestações religiosas – uma ostentação cujo último significado não será apenas o intensificar a devoção. Por outro lado, poderemos sempre perguntar-nos se, para além disso, dado o momento particular da situação política portuguesa, esses recebimentos não teriam sido revestidos de outros significados. Em Janeiro de 1588 continuavam-se, intensamente, em Lisboa os preparativos da *Invençível* e, depois, agravando uma situação já de si complexa, multiplicam-se os ataques ingleses aos portos portugueses, ataques que se alargam aos portos espanhóis, a ponto de Drake cruzar, em 1595, os mares de Espanha. Uma situação angustiante, especialmente para uma cidade com um porto da importância da capital – cercado, ameaçado, testemunhando frequentes «perdições» de naus –, que se traduziu, sem exceptuar os próprios Governadores (1593-1600), na busca de sinais e vozes de profetas tranquilizadores⁹⁷.

correcta interpretação –, em Coimbra também as «invenções» das figuras que integravam a procissão terão sido premiadas, pois Gaspar dos Reis diz (*Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 47r) que à figura de S. Dionísio Areopagita «como de mayor espirito se julgou o premio».

⁹⁶ João Francisco MARQUES, *A parenética portuguesa e a dominação filipina*, Porto, 1986 não refere estes três sermões, que embora não digam respeito, directamente, ao âmbito da sua doutíssima investigação, não desdenhariam um lugar semelhante a outros que – e é um exemplo – tratam da canonização de Santo Inácio de Loyola e de S. Francisco Xavier ou do desagravo do caso de Santa Engrácia.

⁹⁷ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 244-330 *et passim* apresenta, desde o seu anti-castelhanismo, um quadro insuperável das mentalidades e reacções – da religiosidade à política – de um Portugal que, com Lisboa à cabeça, parece, por esses anos, sentir-se como uma terra cercada – desde o interior por causa dos estrangeiros e dos malsins e desde o exterior por causa dos ataques ingleses – e onde, com creces, tudo se vigilava e interpretava. A este respeito, para além do que traz Roiz Soares, é de recordar o papel que teve o lóio Padre António da Conceição – o célebre «beato»

IV – Não nos interessam aqui os festejos propriamente ditos, apesar da erudição – recorrendo menos à mitologia em Lisboa que em Coimbra⁹⁸ –, os seus arcos triunfais⁹⁹ (cobertos de hieroglifos..., empresas..., emblemas em Lisboa¹⁰⁰)..., as figuras alegóricas¹⁰¹..., as pinturas e estátuas históricas¹⁰²..., as representações de carácter teatral¹⁰³..., o esplendor da decoração, muitas vezes,

António – por esses anos, muito especialmente nos tempos dos Governadores, a ponto de ser por eles escutado, com destaque para Miguel de Moura. Conf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um «beato vivo»: o Padre António da Conceição, C.S.J.E., conselheiro e profeta no tempo de Filipe II* in *Via Spiritus*, 5 (1998), 13-51.

⁹⁸ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 98r: «Em torno de hũa Fonte, que em o meyo da Claustra cobre hũa mea laranja, sustentada de oyto columnas, fixas sobre quatro pontes por baixo das quaes se communicão as agoas de oyto Tanques, estavão estas figuras, tão ricas nos vestidos, como na invenção de seu vestir maravilhosas: Apollo, com as tres graças, descantando todos com Violas, ajudadas de hũa Frauta, que Pan Deus dos Gentios tocava, e ao murmurar da Agoa que por hũa Pinha de Bronze em a pia da Fonte cahia; hum pouco afastada, ficava Pallas, armada da cinta pera cima, sobre roupas de Seda, que pera baixo cahião embraçado hum Escudo, e na mão direyta hũa lança de enreste, como quem guardava aquelle passo. Ali cantavão as Charites com Apollo muy suavemente muytos louvores das Santas Reliquias em versos que pera aquelle effeyto se fizerão, estavão todas estas figuras rica e ayrosamente vestidas ao modo antigo».

⁹⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 48r-61r, 63r-68r, 70r-81r descreve os três arcos triunfais erguidos no trajecto da procissão, respectivamente, na Rua Nova, na porta de santa Catarina, e «defronte do postigo da trindade no meyo da rua de S. Roque»; Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 11r, 13v descreve «hum fermoso arco» que estava plantado no fim da rua de Coruche.

¹⁰⁰ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 49r, 50v, 53r, 57v, 58r, 74v por referência aos elementos que adornavam os arcos triunfais, sendo de notar que, aparentemente, utiliza, como equivalentes, os três termos, como acontecia em muitos seus contemporâneos; Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, sem o identificar por qualquer termo técnico, descreve os emblemas do Amor divino e do Amor humano que «ilustravam» a Cristo crucificado num dos altares da Claustra, única alusão emblemática que, de acordo com a sua *Relaçam*, teria ilustrado as festas conimbricenses.

¹⁰¹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 43v - 49v, por exemplo, entre as muitas que participavam no cortejo, descreve as figuras da Fama, do Tempo, do Custódio da Religião, da Fortaleza, da Justiça, do Trabalho, do Merecimento, do Prémio, de dois anjos, e, finalmente, da Virtude.

¹⁰² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 72v-73r mostra as pinturas históricas que, no arco dedicado ao triunfo de Cristo e da Virgem, representavam Constantino Magno e Afonso Henriques empenhados no triunfo de Cristo; Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 10r assinala a figura alegórica de Coimbra «como por suas armas aly se via».

¹⁰³ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 25v-30r (a representação da Glória com as suas centenas de anjos); Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 49v-53r trata «de como estava preparado o Theatro onde avião de estar todas estas figuras» alegórica - (Fama..., Tempo..., etc.) que enumeramos e do seu movimento na coroação dos santos-reliíquias.

suportada por complicada maquinaria¹⁰⁴ ..., as jóias e profusão de pedraria¹⁰⁵ (o que terá causado viva impressão¹⁰⁶)..., os coros e instrumentos dos anjos¹⁰⁷ ..., as danças de algumas figuras em Coimbra¹⁰⁸ ..., a gala das ruas...,¹⁰⁹ as centenas de

¹⁰⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 26r (a armação da Glória, no Pelourinho Velho), por exemplo; Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 11v (a «máquina» que sustentava o «teatro» em que, junto da Misericórdia de Coimbra, se «representava a Igreja militante e a Igreja triunfante, por exemplo também).

¹⁰⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 24r: «Hia [Santa Engrácia] assentada em hum riquissimo cilhão, de prata que foy da Ifante Dona Maria lavrado de bastiães com taboas de cavalgar, todas de prata douradas, do mesmo lavor. E todas as mais peças do arreoo tam ricas e lavradas de tarjas e carrancas de prata que o cavallo dava mostras de quam pesada lhe era aquella honra...»; 40v: «Levava [S. Gonçalo] ao pescoço hum colar douro de duas ou tres voltas com seu cercilho na cabeça com hũa grinalda de flores e rosas de invençam nova... Os sapatos a modo de frade de cetim preto enriquecidos com botões e cadeas douro, e muita pedraria...»; 44r: S. Dâmaso ia «vestido com pontifical muy rico e lustroso, com hũa coroa pontifical de grandissima riqueza, tecida toda de perolas, rubis e diamantes, e outras peças de muito preço, que valia muitos mil cruzados...»; Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 43r: « a Figura do Padre Santo Agostinho no Habito de Conego regular como verdadeyro Pay seu com Mitra na cabeça, de tantas pedras de preço e grossas perolas, que cuydo eu poucas aver hoje na nossa Europa que em riqueza se lhe igualem...»; 44v: «na cabeça levava [a Fama] hũa nuvem de volante, como que entre ella a escondia, e por estrellas tantas peças de ouro, pedras de preço e perolas que com trabalho podia menear...»; 49r: «as mangas [do fato da Virtude] erão de hum Gibão tecidas de ouro, e seda de cores, cobria os peytos com hũa rede de ouro de Martelo, tomados os laços com muytas flores de prata fina, e por entre ellas algüas peças de ouro, e pedraria de preço, que fazião não o ter...».

¹⁰⁶ Pero Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., 244: «e hum paraíso no plourinho velho donde saíram a receber as Reliquias nove coros de Anjos muito ricamente ataviados que seriam perto de novecentos meninos muito ricamente vestidos levando todos seus sapatos de pedraria... sahio a Rainha santa dona Izabel tam ricamente vestida que não se podia ter visto outra tal levava hum Cordão de pedraria que valia mais de cincoenta mil cruzados...».

¹⁰⁷ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 27v: «Com esta ordem entraram [os anjos] na procissam, e se puseram diante dos primeiros andores das santas reliquias, continuando sua musica, ora huns, ora outros cantando varios motetes, e coros em louvor das santas reliquias»; 28v: «alem do coro que antre elles avia, hiam dous ternos de anjos de vozes escolhidas, que se revezavam cantando varias rimas, e sonetos aos musicos instrumentos que tangiam, os quaes por serem de pouca idade, e representarem Anjos, se ouviam com hũa nova devaçam, e satisfaçam...»; Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 8r: «eis que se levanta... em lugar alto hũa divina armonia de vozes Angelicas... Enchem os deleitosos instrmentos os ares com estranhas melodias...»; 53r: «No tempo da Coroação [dos santos-reliquias pelo Premio] ouve Musica de anjos, que com violas descantando com estranho conserto, vestidos de Alvas brancas, e estolas verdes cantavão suavemente em louvor das santas reliquias...».

¹⁰⁸ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 16r: «Sahio logo adiante desta pompa real, hũa figura de ElRey David airoso por estremo[...] tocava com graça e arte, hum alegre Alaude, a voz do qual obedição alegremente as obedientes voltas, assi do david como de seus pagens, que ricamente vestidos neste passo o acompanhavão...».

¹⁰⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 7v: «E ao outro dia que começou com outro repique, amanhecera todas as ruas por onde a procissão avia de ir, armadas de varias sedas, tellas, e brocados com muitos pendurados, e outras cousas de invenção que faziam hũa vista muy lustrosa, e rica...».

clérigos¹¹⁰..., a presença solene das autoridades civis e eclesiásticas¹¹¹..., etc. – que envolve estas festas numa simbologia compacta¹¹², inimiga de espaços vazios e oferecendo-se ela própria constantemente renovada nas ruas e nas praças e até no dobrar das esquinas¹¹³ do trajecto da procissão que, em cada um dos casos, conduz as relíquias. E, como parece exigir-se na *translatio*, em ambos os casos, presidida pelo bispo, a procissão, de que sempre se exalta a magnífica ordem¹¹⁴, percorre um trajecto (*peregrinatio*) que vai da catedral à igreja em que não-de ficar as relíquias depositadas. Nos dois casos examinados trata-se da igreja de uma ordem religiosa – da Companhia de Jesus e dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho –, e tal percurso se, enquanto *peregrinatio*, é sempre visto como um espaço e um tempo de manifestação pública das novas relíquias e do triunfo da Cruz¹¹⁵ – e, em 1588, da Virgem¹¹⁶ –, enquanto itinerário não deixa visivelmente de confluir nessas igrejas e, conseqüentemente, de lhes assinalar uma nova ou renovada importância no quadro dos templos da capital e de Coimbra... Os festejos, independentemente

¹¹⁰ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 10v: «Seguiamse trezentos religiosos, s. da ordem de nossa Senhora do carmo cento e dez, nos quaes entravam os descalços da mesma ordem. De santo Agostinho cento, e de sam João cincoenta, os mais eram padres da Companhia da casa de S. Roque, e do Collegio de Santo Antam, os quaes hiam todos com sobrepelizes, e tochas em as mãos...»; Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 16r: «Os Sacerdotes, Diaconos, Subdiaconos, e beneficiados que aly estavam, vos não conto agora, porque entam não pude...»; 26r-v: «Atras destes Religiosos hião, entre os mais, cento e cincoenta sacerdotes, por mandado do Senhor Bispo, com suas tochas acezas nas mãos, que fazião mais aparatosa aquella companhia...».

¹¹¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 11r não parece assinalar mais que as autoridades eclesiásticas que tomaram parte na procissão, pois o próprio Vice-rei, cardeal Alberto, viu e esperou as relíquias em S. Roque; em Coimbra os nobres mais destacados pegaram às varas do púlpito e detrás deste seguiam os cidadãos e os vereadores de Coimbra e na procissão nos claustros participou com destaque o reitor da Universidade (Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 54v, 56r, 97r).

¹¹² Sem grande violência, seria possível aproximar muito do ritmo, da alegorização e do brilho do cortejo do recebimento das relíquias em S. Roque de certo teatro cultivado nos colégios da Companhia, como, por exemplo, do que João Sardinha Mimoso descreve em *Relación de la real Tragicomedia con que los padres de la Compañia de Jesus en su Colegio de S. Anton de Lisboa recibieron la Magestad Catholica de Filipe II de Portugal, y de su entrada en este Reyno con lo que se hizo en las Villas y Ciudades en que entró*, Lisboa, Jorge Rodriguez, 1620, dedicada ao duque Teodósio II de Bragança, ainda que o texto da peça propriamente dita – *Real tragicomedia del descubrimiento y conquista del Oriente por el felicissimo Rey dezimo quarto de Portugal D. Manuel* – fosse do P. António de Sousa, S.J..

¹¹³ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 61v-62v, 68r- 69v descreve as quatro estátuas – Prudência, Fortaleza, Justiça, Temperança esclarecidas por dísticos e glosas de André Falcão de Resende – que «na volta das ruas encaminhavam a procissão».

¹¹⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 8v-11r.

¹¹⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 70r-77v; Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 8r, 10r, 53r et passim.

¹¹⁶ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 77v-81r.

das perspectivas particulares dos autores dos relatos destes recebimentos, são – ou podem ser –, para além dos aspectos atractivos e jubilosos que conlevam nesses momentos em que se recebem os «sacros restos» – os «santos hóspedes» –, um modo de criar um quadro que engrandeça a dimensão espiritual das relíquias e sirva para fixar e orientar a atracção quer para o domínio dos benefícios materiais mais imediatos (esmolas para construções, por exemplo¹¹⁷) quer para benefícios de ordem social mais geral (contribuição para o apaziguamento político, por exemplo também¹¹⁸). Como já aludimos, talvez seja, de certo modo, esta última, uma orientação que transparece em 1588 ao sublinhar-se como os portugueses sabem receber os hóspedes e quanta «consolação» havia que esperar o Portugal desse dias dos milagres que esses santos, cujas relíquias acabavam de chegar, faziam... Claro que a *Relaçam* do recebimento de 1588 não alude a esta perspectiva, mas, como veremos, algum dos ouvintes dos sermões que então se pregaram assim o entenderam...

Aqui, como decorre do que fica dito, atenderemos, principalmente, às dimensões espirituais que se explicitam nesses dois recebimentos, sem que por isso, evidentemente, deixemos de recorrer a algum pormenor das festas propriamente ditas que ajude a melhor perceber essas mesmas dimensões.

V – A *Relaçam* de 1588 que, como já sugerimos, devemos acompanhar da leitura das memórias de Pero Roiz Soares que desse recebimento deu a sua visão dos acontecimentos – uma visão que poderá ter sido a de muitos dos seus contemporâneos – foi escrita por ordem do cardeal Alberto, então governador de Portugal, logo após as solenidades do recebimento – 25.1.1588 –, pois em 3 de Junho desse mesmo ano recebia as últimas licenças de impressão. Urgindo, o cardeal pretendia que «se recolhesse em narraçam de historia tudo o que no dito recebimento passou, assi pera noticia e consolaçam dos ausentes, como pera agradável repetição, e memoria dos que presentes se acharão»¹¹⁹, o que não terá ido sem consequências para a própria qualidade da edição que quase roça o popular. A esta mesma vontade de perpetuar a memória de tal recebimento, alargando-lhe a amplitude, correspondeu, seguramente, a decisão de fazer imediatamente traduzir a obra para castelhano, trabalho que levou a cabo Álvaro de Veancos¹²⁰.

¹¹⁷ Réginald GRÉGOIRE, *Manuale di agiologia*, ed. cit., 332.

¹¹⁸ Réginald GRÉGOIRE, *Manuale di agiologia*, ed. cit., 334-349 (334, 341, 343)

¹¹⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 1v.

¹²⁰ Manuel de CAMPOS, *Relación del solemne recebimiento que se hizo en Lisboa a las santas reliquias que se llevaron a la yglesia de San Roque, de la Compañia de Jesús, a veinte y cinco de Enero 1588, Traducida en Castellano por Álvaro de Veancos*, Alcalá. En casa de Juan Yñiguez de Lequerica, 1589. Conf. Julián MARTÍN ABAD, *La imprenta en Alcalá de Henares (1502-1600)*, s.l., s.a. (Madrid, 1991), nº 1027.

Convirá lembrar que, à altura do recebimento, a igreja de S. Roque, aberta ao culto em 1573, ainda não estava concluída, pois, por exemplo, se já tinha algum modo de tecto, a própria capela mór ainda não tinha as dimensões que, a custo, foi ganhando¹²¹, o que significa que, como em outras tantas ocasiões, as relíquias são recebidas num templo em construção, quadro que, por sua vez, poderá ajudar a perceber melhor algumas circunstâncias tanto da oferta das relíquias a esse templo, como do interesse que quem as ofereceu mostrou pela sua construção.

Recordemos apenas, porque são factos bem conhecidos, que as relíquias foram oferecidas a essa nova igreja por D. Juan de Borja (1533-1606), filho terceiro – o segundo dos varões – do antigo duque de Gandía e terceiro Geral da Companhia de Jesus, S. Francisco de Borja (†1572)¹²², e de sua mulher, a portuguesa D. Leonor de Castro. Pai e filho, ambos em diferentes missões diplomáticas, tinham coincidido em Lisboa em 1571¹²³, e ambos se deverão ter interessado pelo andamento da construção. Com efeito, se Francisco de Borja que, em 1.10. 1553, tinha pregado na missa – celebrada por Jerónimo Nadal – das festas da posse do terreno destinado à casa professa dos jesuítas e, depois, a essa igreja¹²⁴, agora como Geral da Companhia, no meio das diplomacias cortesãs em que se viu envolvido¹²⁵, não parece que pudesse esquecer uns trabalhos que diziam respeito a «o primeiro templo que edificou a Companhia de Jesus em Portugal»¹²⁶, D. Juan de Borja, continuando com a sua embaixada até 1575, teve ocasião não só de se interessar pela obra que, de certo modo, lhe era familiar, mas seguramente de assistir, em 1573, à abertura do novo templo ao culto e ainda não ocupado por capelas e sepulturas de patronos e benfeitores. Quando deixa Lisboa, morrendo-lhe a primeira mulher durante a viagem¹²⁷, vai já destinado a embaixador de Filipe II junto de Maximiliano II – cargo que, por morte deste (1576), não chegará a desempenhar – e, depois da morte do imperador, mordomo-mor da imperatriz viúva, Maria, irmã do Rei Prudente, cargos que lhe permitiram servir a imperatriz durante 26 anos, na

¹²¹ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 183-185.

¹²² Candido de DALMASES, *El Padre Francisco de Borja*, Madrid, 1983, 15.

¹²³ Candido de DALMASES, *El Padre Francisco de Borja*, ed. cit., 234.

¹²⁴ Baltasar TELES, *Chronica da Companhia de Jesus da provincia de Portugal*, II, 4, 22, 99; J. M. de Queiroz VELOSO, *Uma alta figura feminina de Portugal e Espanha nos séculos XVI e XVII-D. Francisca de Aragão, Condessa de Mayalde e de Ficalho*, Barcelos, 1931, 73. (Citaremos sempre como *D. Francisca de Aragão*).

¹²⁵ J. M. de Queiroz VELOSO, *D. Francisca de Aragão*, ed. cit., 66-67; Candido de DALMASES, *El Padre Francisco de Borja*, ed. cit., 230-231.

¹²⁶ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 185.

¹²⁷ J. M. de Queiroz VELOSO, *D. Francisca de Aragão*, ed. cit., 80; Candido de DALMASES, *El Padre Francio de Borja*, ed. cit., 15-16.

companhia de sua segunda mulher, D. Francisca de Aragão, dama portuguesa com quem casou em 1576¹²⁸. Em 1582, Juan de Borja e D. Francisca de Aragão, acompanhando a imperatriz, estão em Lisboa e, deste modo puderam ser testemunhas não só da reunião de família de grandes Áustrias – Filipe II..., sua irmã, a imperatriz Maria..., e os filhos desta, Margarida de Áustria e o ainda então arquiduque cardeal Alberto¹²⁹ – que, entre 13 de Maio desse ano e Fevereiro de 1583, aí teve lugar¹³⁰, mas também dos progressos da construção de S. Roque, que, nesse preciso ano, recebeu o grande madeiramento que havia de suportar o tecto, e depois, a pintura que o engrandeceu¹³¹. Mais tarde, já em Madrid, Juan de Borja dará ainda mais alguma prova do cuidado com que continuava a acompanhar as obras: nos começos de Janeiro de 1587, interessava-se pela pintura do tecto e sugeria que se submetesse o desenho à aprovação de Filipe II¹³²... Por estas datas, D. Juan de Borja, que ainda não era conde de Ficalho nem presidente do Conselho de Estado de Portugal¹³³, talvez tenha colocado os seus afectos familiares relativos à igreja da casa professa da Companhia em S. Roque, e as suas marcas de portuguesismo¹³⁴ – nascido de mãe portuguesa, casado com uma portuguesa, bom conhecedor de Portugal, a ponto de um dia vir a dizer-se natural do reino¹³⁵ – e os seus desvelos pela marcha da construção num horizonte de glória mais vasto: fazer da capela mor dessa igreja em construção e livre de enterramentos, o seu panteão familiar¹³⁶. E conseguiu-o. Graças à sua vasta e cobiçada colecção de relíquias que lhe doou, precisamente em Setembro de 1587, por escritura lavrada em El Escorial¹³⁷.

¹²⁸ J. M. de Queiroz VELOSO, *D. Francisca de Aragão*, ed. cit., 84-95; Candido de DALMASES, *El Padre Francisco de Borja*, ed. cit., 16.

¹²⁹ Francisco CAEIRO, *O arquiduque Alberto de Áustria, vice-rei e inquisidor de Portugal, cardeal legado do papa, conservador e depois soberano dos Países Baixos. História e arte*, Lisboa, 1961.

¹³⁰ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 202 - 203; FelipeII, *Cartas... a sus hijas*, edición a cargo de Fernando J. BOUZA ÁLVAREZ, Madrid, 1988, 66-84 (Cartas XIX-XXXII), com as respectivas e preciosíssimas anotações.

¹³¹ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 184-185.

¹³² Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 184, nº 1.

¹³³ J. M. de Queiroz VELOSO, *D. Francisca de Aragão*, ed. cit., 110, 114.

¹³⁴ Baltasar TELES, *Chronica da Companhia de Jesus na provincia de Portugal...*, ed. cit., II, 4, 27, 119 viu muito bem o portuguesismo de que gostava de reclamar-se D. Juan de Borja.

¹³⁵ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 2, ed. cit., 161.

¹³⁶ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 445, refere alguns dos que cobiçavam a colecção de relíquias de D. Juan de Borja, em especial o Geral de S. Bento que, além do mais, lhe oferecia a capela mor de um novo convento, também em construção, para sua sepultura. Naturalmente, S. Roque tinha, sentimentalmente, outro atractivo.

¹³⁷ J. M. de Queiroz VELOSO, *D. Francisca de Aragão*, ed. cit., 104.

A estar por algum testemunho – o do seu confessor, por exemplo – e por algumas datas – 1579..., 1580..., 1581 – em que conhecemos aprovações de relíquias concretas que obteve¹³⁸, que parecem sugerir o seu empenho nos últimos tempos que passou em terras imperiais¹³⁹, algumas partes de esta vasta coleção deverá tê-la ido reunindo durante esses vinte e seis anos que andou por embaixador junto do imperador alemão Rudolfo II e por mordomo-mor da imperatriz Maria, não só nessas «provincias tam inficionadas de heregia», mas também por outros reinos por onde viajou. Alguma, como veremos, foi até presente de algum embaixador amigo. De qualquer modo, é de aceitar, como diz o autor da *Relaçam*¹⁴⁰, que trabalhou «com zelo e cuidado de ajuntar este sagrado thesouro»¹⁴¹, tesouro que foi altamente disputado de um e de outro lado da fronteira¹⁴², e que, ao aparecer, teria sido destinado a El Escorial.¹⁴³

A coleção que, segundo transmitia, superlativamente, o confessor de Juan de Borja – o jesuíta Francisco António¹⁴⁴ – ao Prepósito da casa de S. Roque, Pedro da Fonseca, «não é muito menor que o [tesouro] que tem o rei no Escorial»..., consistia num conjunto de cerca de 245 relíquias e, pelo número, não será difícil de aceitar que «depois de Dom Affonso Anriquez primeiro Rey de Portugal em cujo tempo Lisboa vio, e recebeo o corpo do insigne martyr Sam Vicente seu padroeiro, nunca teve, nem festejou tesouro de taes, e tantas relíquias juntas, nem gozou de tam solenne memoria de semelhantes penhores do Ceo»¹⁴⁵. Curiosamente, para um contemporâneo e testemunha de vista, o número de relíquias é muito mais pequeno – 31 –, mas, ainda assim, digno de admiração, não só pelo número, mas também pela grandeza delas – «muitas e muito grandes»¹⁴⁶. E, continua Pedro da Fonseca reproduzindo as informações do P. Francisco António, queria oferecê-las «todas ornadas em prata e oiro, e outras materias ricas, para o que já de caminho trazia não sei quantos prateiros...

¹³⁸ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit. 444; Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 16r, 18r; W. TELFER, *The treasure of São Roque...*, ed. cit., 65-67.

¹³⁹ W. TELFER, *The Treasure of São Roque...*, ed. cit., 64, 130-148.

¹⁴⁰ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., III, 211 traz uma breve notícia sobre Manuel de Campos.

¹⁴¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 3r

¹⁴² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 4r; Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit. 445.

¹⁴³ W. TELFER, *The Treasure of São Roque...*, ed. cit., 32.

¹⁴⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 4v; Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 444, nº 2; pensamos que o P. Francisco António é o autor de *Tratados espirituales de algunas santas antiguas*, traduzidas en latín en castellano, Madrid, Luis Sanchez, 1603.

¹⁴⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 2r.

¹⁴⁶ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed.cit., 243.

que não faziam outra coisa senão os ditos ornamentos»¹⁴⁷, informação que, a seu modo, o autor da *Relaçam* repete ao referir que nessa oferta, não «resplandeceo menos sua devaçam na curiosidade que tiverão [Juan de Borja e Francisca de Aragão] em as ornar, empregando com tanta magnificencia suas riquezas em vestir de ouro e prata na terra os corpos daquelles, cujas almas no ceo o mesmo Deos veste de gloria»¹⁴⁸. A entrega de tão vasta colecção de relíquias – e dos respectivos relicários, evidentemente – à casa professa de S. Roque mereceu a gratidão da Companhia de Jesus que, como ficou aludido, quis «offerecerlhes a capella mor da dita casa de S. Roque pera sua sepultura, e de seus descendentes com hũa missa quotidiana, e outras muitas, com outros suffragios que em vida, e pera depois de sua morte lhes foram offerecidos»¹⁴⁹, gratidão que pode muito bem ter sido tratada por D. Juan de Borja. Pelo menos, dizia-se que o mordomo da imperatriz Maria de Áustria «contratousse com os padres de sam Roque desta cidade de Lisboa que lhos [reliquias] queria dar todos pera sua cassa contanto que le dessem hũa capella pera elle e sua molher e descendentes senterem nella com sertas missas cotedianas...»¹⁵⁰.

Com alguns riscos de linguagem e de sugerir uma ordem que não existia, pode dizer-se que esta colecção compreendia três séries de relíquias – uma, em que poderiam agrupar-se os «sacros restos» de santos e santas vários com destaque para os mártires, as virgens, os apóstolos, doutores e os confessores, etc.; outra, que poderia englobar as relíquias de Cristo e da Virgem Maria, de S. João Baptista e de S. João Evangelista; e, uma terceira, em que contassem as inúmeras relíquias das Onze mil Virgens, já que, por exemplo, só um dos relicários que desfilaram na procissão delas guardava 54 «sacros restos»¹⁵¹. Do ponto de vista do seu tamanho e partes do corpo conservadas, é de notar que a colecção se compunha de 18 cabeças, 4 braços, 2 canas, 2 dentes, uma «grande relíquia» não melhor especificada, 40 ossos indeterminados e, finalmente, 108 relíquias igualmente não especificadas, algumas mesmo anónimas pela sua antiguidade¹⁵². As 17 relíquias de Cristo e da Virgem compreendiam 6 cruces do Santo Lenho – uma delas tão «insigne» que o arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, disse «que soo por ella se podera fazer o recebimento»¹⁵³ –, 1 espinho¹⁵⁴, 2 da «toalha da mesa do Senhor», 2 do

¹⁴⁷ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 444.

¹⁴⁸ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 3r-3v; Manuel de Campos é também o autor de um dos três sonetos que, entre outras composições em latim, celebraram D. Juan de Borja (*Relaçam*, 189).

¹⁴⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 4r-4v.

¹⁵⁰ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 243.

¹⁵¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 16v.

¹⁵² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 16v, 18v.

¹⁵³ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 18r.

Santo sudário, 2 da «túnica interior da Virgem Maria», 1 do véu de sua cabeça, 1 dos vestidos da Virgem, 1 – se lemos bem – dos vestidos de S. João Evangelista¹⁵⁵ e não especificada de S. João Baptista¹⁵⁶.

Curiosamente, no meio destas quase duas centenas e meia de relíquias, o que parece ter atraído a atenção de muitos que assistiram à procissão – «veyo a mor parte de Purtugal a vela de todas as cidades e Vilas e lugares e chegou a valer hũa ginella vinte cruzados e não na achavão...»¹⁵⁷ – foram as «26 cabeças de santos e muitos braços e corpos e hum cueiro de nosso senhor o qual adonde estava se dava delle a muitas pessoas e nunca mingoava... , hũa camisa de nossa Senhora e hũa Masaroca que ella fiou e hum espinho da coroa de nosso Senhor e hum cravo...»¹⁵⁸, conjunto em que as coincidências e as diferenças com a realidade oficiosa descrita na *Relaçam* não fazem mais que avultar a admiração com que foi venerada essa «multidão de reliques», alguma delas – como esse cueiro do Menino, que por mais que dele se desse não diminuía¹⁵⁹ – verdadeiramente maravilhosa e fascinante, mesmo que pareça não ter pertencido à coleção ou, pelo menos, não ter ido na procissão. Curiosamente, a estar pela *Relaçam*, também não parecem ter pertencido ao conjunto oferecido uma relíquia do «presépio e hũa preciosa madeixa dos cabelos de N. Senhora» que J. Cardoso inclui nessa «innumeravel multitude de sagradas relíquias»¹⁶⁰.

Como já ficou aludido, esta importante coleção de relíquias deve ter sido, em grande parte, formada ao longo dos muitos anos em que D. Juan de Borja e sua mulher serviram à imperatriz Maria e o autor da *Relaçam* apreciou dar a saber que o imperador Rudolfo II e sua mãe, a imperatriz Maria, «tam liberalmente repartiram [o seu tesouro de relíquias] com os senhores Dom Joam

¹⁵⁴ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, III, ed. cit., 71 informa que S. Roque possuía três espinhos, de dois dos quais nada sabemos acerca da sua entrada no tesouro da casa.

¹⁵⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 15r escreve: «Dos vestidos da Virgem, e de sam Joam Evangelista», o que parece sugerir que as relíquias de S. João também eram dos seus vestidos; mas poderia dar-se que juntamente com as dos vestidos da Virgem Maria estivessem relíquias do Apóstolo que não dos seus vestidos.

¹⁵⁶ Naturalmente, neste grupo de relíquias seria aceitável, dada a sua proximidade a Cristo, incluir também as de uma Maria Madalena – de que há várias na coleção oferecida por D. Juan de Borja – e igualmente as de Santa Ana, mãe da Virgem.

¹⁵⁷ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 244; Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 8r: «...muita gente que estava apinhoadá assi nelles [palanques] como polas janellas de todas as ruas, as quaes se alugavam por muito dinheiro, pois ouve janella de quarenta cruzados de aluguer, e casas de trinta mil reis; de algúas se soube de certo que naquellas sete ou oito horas forraram o aluguer de todo o anno». (Conf. 86r).

¹⁵⁸ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 244.

¹⁵⁹ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 244.

¹⁶⁰ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 243.

de Borja , e Dona Francisca de Aragão, sua mulher, que foram o meyo por onde Deos fez tamanha merce a esta terra», o que é um modo de garantir, pela autoridade imperial, a autenticidade de tais «restos sacros»¹⁶¹. Por outro lado, essa autoridade facilitou que «impetrassem de diversos conventos, e igrejas muita parte destas santas riquezas onde eram de antiquissimos tempos veneradas»¹⁶². Não interessa copiar aqui o que, desde 1932, se sabe, documentalmente, acerca das relíquias da colecção borgiana que provinham das colecções imperiaias, mas terá algum interesse rever aquelas que, desde a perspectiva de Manuel de Campos, era importante sublinhar junto dos seus leitores, mesmo que a título de exemplo. Das que foram de Rudolfo II o autor da *Relação* apenas aponta a da cabeça de Santa Brígida, virgem, que retirada da capela imperial, foi oferecida ao embaixador e mordomo-mor¹⁶³ e constituía uma das preciosidades da colecção e, por isso, merecedora de que em seu dia (1 de Fevereiro) se pudesse ganhar, na igreja de S. Roque, um jubiléu¹⁶⁴; das oferecidas por D. Maria – grande colecionadora que também as repartiu com sua irmã, Dona Joana, a mãe de D. Sebastião¹⁶⁵ – Manuel de Campos não lembra mais que uma cana de uma perna de S. Roque¹⁶⁶, ainda que à mesma origem se atribua a cabeça de S. Vidasto¹⁶⁷; das que, possivelmente, foram obtidas com o favor da autoridade imperial podemos supor aquela «grande relíquia» de Santa Bárbara que foi retirada do mosteiro de S. João Evangelista de Torcello¹⁶⁸, e a do braço de S. João Esmoler, patriarca de Alexandria que veio da colegiada de Possonio, na Hungria, «por meyo do Bispo Agriense de cuja jurdiçam he a dita igreja»¹⁶⁹. Sempre através da *Relação* de duas outras

¹⁶¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 2r; ; W. TELFER, *The Tresure of São Roque...*, ed. cit., 130-148 («the imperial gifts»).

¹⁶² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 2r; W. TELFER, *The Tresure of São Roque...*, ed. cit., 135 (doação de Maria da Áustria).

¹⁶³ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 19r.

¹⁶⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 19r; Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 250, 317; W. TELFER, *The Tresure of São Roque...*, ed. cit., 66-67; 130.

¹⁶⁵ Miguel MORÁN - Fernando CHECA, *El coleccionismo en España*, ed. cit., 178.

¹⁶⁶ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 16v-17r.

¹⁶⁷ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 381; mas Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 19r nada informa sobre o assunto; Sabemos, porém, através do documento em que Maria da Áustria confirma (El Escorial, 29.08.1587) a doação as relíquias a Juan de Borgia – documento publicado por W. TELFER, *The tresure of São Roque...*, ed. cit., 135 – que essa cabeça de S. Vidasto pertencera, efectivamente, à imperatriz.

¹⁶⁸ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 12v.

¹⁶⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 14r-14v; Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas*, I, ed. cit., 231.

conhecemos uns leves fragmentos da sua história: a do espinho da coroa da Paixão que tendo pertencido, no reino da Boémia, à colegiada de S. Cosme e Damião onde a colocou Carlos IV, entrou depois na posse do barão de Pernestão, chanceler-mor daquele mesmo reino, que, por sua vez, a ofereceu a Juan de Borja¹⁷⁰; a de Santa Fotina, «qual dizem ser a Samaritana com quem Christo falou ao poço de Sichem», cremos será a que, se bem interpretamos, tendo pertencido ao patriarca de Constantinopola, veio a ser oferecida, juntamente com uma tradução da vida da Samaritana, ao embaixador de Rodolfo III (ou II?) nessa cidade, que, por sua vez, a ofereceu a D. Juan de Borja em 1580¹⁷¹. Todas as outras terão sido trazidas de «Alemanha, Itália e Estados de Aragão, quando veio com a imperatriz, e também em França,... em cidades marítimas onde sua Magestade se deteve por causa do tempo»¹⁷², precioso – mas, talvez, não muito preciso¹⁷³ – testemunho que remete para a palavra do confessor de D. Juan de Borja, o P. Francisco António, e por elas, como diz P. Roiz Soares, pagou muito¹⁷⁴.

Doadas, com uma guarda formada pelo P. Francisco António «e outras pessoas», chegaram «secretamente» a Lisboa em 17 de Outubro de 1587¹⁷⁵ e não, como parecia constar, em 1582 quando D. Juan de Borja acompanhou a Lisboa a imperatriz¹⁷⁶. Entregues que foram ao Padre Prepósito da casa professa de S. Roque, Pedro da Fonseca, juntamente com outros presentes¹⁷⁷, «foram com o mesmo segredo recolhidas» – redobrados cuidados que, mais que tradições relativas à *translatio* de relíquias, parecem continuar a fazer temer

¹⁷⁰ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 21r. W. TELFER, *The Trespure of São Roque...*, ed. cit., 92-120 («Borgia's friends at imperial imperial Court»).

¹⁷¹ Carmen BRAVO-VILLASANTE, Introd. a Juan de BORJA, *Empresas Morales* (Bruselas, 1680), Madrid, 1981, IX, citando, ainda que de maneira algo confusa, o texto de uma *Vida y martirio de la Samaritana* inserida por Melchor de Castro no final da sua *Historia de la Virgen* e em que se referem esses factos. (Nem necessário seria afirmar que não podemos controlar estas obras).

¹⁷² Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 444; segundo Fernando J. BOUZA ÁLVAREZ em nota (60) à sua edição das *Cartas de Felipe II a sus hijas*, a imperatriz, deixando Praga em Agosto de 1580, passou por Graz, Milão, Génova, Marselha, Colliure e Barcelona, entrando em Madrid em Março de 1581.

¹⁷³ Efectivamente, se não sabemos, de ciência certa, que Juan de Borja tenha adquirido a maior parte das relíquias durante os anos que residiu no Império – muitas datarão seguramente desses anos, quanto mais não fosse pelo gosto nobre de coleccionar – nada impede que muitas outras as tenha ido logrando durante a viagem, ainda que esta última hipótese – a mais próxima da letra das afirmações do confessor – nos pareça sempre de mais difícil execução. E convirá não esquecer que, tal como na Idade Média – Patrick J. GEARY, *Le vol des reliques au Moyen Age...*, ed. cit., 73-90, sempre haveria agentes profissionais que se dedicavam ao negócio das relíquias.

¹⁷⁴ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 243.

¹⁷⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 4v.

¹⁷⁶ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 243.

¹⁷⁷ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 4v: «hum retrato do santo sudario, com hum ornamento rico, e hũa cruz de prata, de que se pode usar em procissões».

furtos, coisa não invulgar ainda na Época Moderna¹⁷⁸ – e de tudo se deu aviso ao arcebispo de Lisboa que, perante a documentação imperial que as acompanhava e de outra que particularizava os lugares donde foram tiradas¹⁷⁹, «as aprovou todas, e ouve por autenticas, alegrandose muito de ver juntamente tão grande multidam de penhores da gloria com tanta abundância de calificados testemunhos»¹⁸⁰. Depois começaram os preparativos para a procissão que da sé havia de conduzir as relíquias a S. Roque, e que, por motivos climatéricos, teve que ser adiada até 25.1.1588. Uma procissão custosa, dado, como já aludimos, o seu esplendor, brilho que não se viu diminuído pela falta dos dominicanos e trinitários por questões de precedências¹⁸¹. Aqui, o que nos interessa destacar, já que representa uma perspectiva que, mesmo que não seja verdadeira, representará como foi olhada por muitos tal procissão, é que o luxo e esplendor desse cortejo – «de grandissimos aparatos e de muito custo» – que, em princípio, fazia parte de qualquer *translatio*, foi uma condição que teria posto D. Juan de Borja para doar o seu numeroso «relicário» à igreja de S. Roque, isto é, «que aviam de fazer hũa procissam muito custosa em que os [ossos?] levassem da see a S. Roque...»¹⁸². Do mesmo modo, também constava que os padres jesuítas para poder cumprir essa condição tinham tirado «pera isso muitas esmolos de fidalgos e outra gente»¹⁸³. Naturalmente, a *Relaçam* não dá estas perspectivas, mas não custa aceitar que os padres de S. Roque tivessem recorrido às esmolos para custear as festas, tal como terão seguramente recorrido a empréstimos de jóias e outros adereços de alto valor em preço e significado histórico. Aquele «riquissimo cilhão de prata, que foy da Iffante Dona Maria lavado de bastiães com tavoas de cavalgar, todas de prata dourada, do mesmo lavor» em que ia sentada Santa Engracia deverá ser um exemplo desses empréstimos¹⁸⁴.

Convirá ainda fazer uma referência à presença e participação do cardeal arquiduque Alberto, à data ainda vice-rei de Portugal (1583-1593), no recebimento das relíquias. A vasta colecção de relíquias oferecida a S. Roque provinha, em parte – uma parte considerável tanto pela qualidade delas como, possivelmente, pelo seu número – das terras do império austríaco, e algumas tinham mesmo pertencido à sua família, especialmente, por próximos, a sua

¹⁷⁸ António FRANCO, *Évora ilustrada*, ed. cit., 36 conta o furto feito em 1591 das relíquias de S. Torpes que o arcebispo D. Teotónio de Bragança tinha trazido de Sines para a sé de Évora.

¹⁷⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 5r, 16r, 17r, 18r.

¹⁸⁰ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 5r-5v.

¹⁸¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 10v.

¹⁸² Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 243.

¹⁸³ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 243.

¹⁸⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 24r-24v, o mesmo se dizendo, muito seguramente, dos arreios do cavalo em que montava Santa Engácia ou o cordão que levava a Rainha Santa..

mãe, a imperatriz Maria, e a seu irmão, o então imperador Rudolfo II. Recebê-las na terra que governava como vice-rei, aplaudir, se não até incentivar, a grandiosidade dos festejos¹⁸⁵, venerá-las e contribuir para a sua veneração¹⁸⁶, era não só glorificar a sua pessoa e o alto cargo que desempenhava – em tempos bem difíceis –, mas também continuar a referi-las à sua casa de Áustria. Por isso, o autor da *Relaçam* pode escrever que assim «proseguio S.A. a acostumada devaçam e piedade da esclarecida casa de Austria, porque festejou neste modo hũa grande parte deste thesouro do ceo que seus Avós Emperadores de Alemanha e Archiduques de Austria com tam catholico zelo ajuntaram [...] E se pois a tresladação da cabeça, ou braço de hum insigne santo, he muitas vezes causa de muita gloria aos Principes que a celebram e festejam, quanta sera sempre a de S.A., pois em tempo de seu governo vio e recebeo tam grandes, e tam notaveis reliquias, de tantos e tam insignes santos, juntas em esta gram cidade de Lisboa?»¹⁸⁷. O P. Manuel de Campos, mais do que um panegírico, expunha assim as outras razões – ou outras das razões? – que levaram o arquiduque Alberto a tomar, como já sabemos, a iniciativa da difusão do relato das festas e, logo depois, a impulsar a sua tradução para castelhano pelo antigo secretário de Juan de Borja, Álvaro de Veancos.

VI – Sugerido que fica o contexto do recebimento desta colecção de relíquias em 1588, podemos tentar ver algumas das suas dimensões espirituais que através de mil sinais – e, sobretudo, através do sermão pregado por Mestre Inácio Martins, S.J. –, nele foram destacados, que é, como já insinuamos o aspecto que, primordialmente, nos interessa aqui.

Valerá a pena deixar claro que as festas foram concebidas como se de uma larga e múltipla representação alegórica se tratasse – o autor fala mesmo, alguma vez, em representação¹⁸⁸ –, bem dentro de uma concepção próxima à do teatro escolar¹⁸⁹ e de outras representações do gosto da Companhia de Jesus¹⁹⁰.

¹⁸⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 85v: «E desejando S.A. acharse presente, foy forçado a não o fazer por causa dos negocios da Índia, que naquella conjunção erão de grande importancia, mormente tendolhe tomado todo o dia precedente: mas mandou toda sua capella, e musicos com todo o genero de instrumentos...».

¹⁸⁶ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 1v: «achandose S.A. presente a toda ella [festa] na igreja de sam Roque onde as santas reliquias avião de ser collocadas, e recebendoas, e beijandoas com toda devoçam...», nota que repete a fol.85r precisando aí que «S.A. se foy ao altar mor a visitar todo este tesouro do ceo, e beijar o santo lenho, e espinho da coroa de Christo nosso senhor, e algúas das outras principaes reliquias, da mão do Bispo Dayão, vendo com grande veneraçam e piedade todos os reliquairos em que estavam encerradas».

¹⁸⁷ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 1v, 2r-2r.

¹⁸⁸ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 25v.

¹⁸⁹ Claude-Henri FRÈCHES, *Le théâtre neo-latin au Portugal (1550-1745)*, Paris-Lisbonne, 1964 continua a ser o melhor estudo de conjunto desse género teatral, ainda que seja de ter em

E dentro desta perspectiva, com a chegada das relíquias, Lisboa-S. Roque é, momentaneamente, um «ceo de santos»¹⁹¹, que, num primeiro momento do percurso da procissão – a estância da Glória – «sahiram as tres Hierarquias de anjos a festejar»¹⁹² e, depois, num segundo momento, aparecem, precedidos por «Santa Engrácia acompanhada de seus dezoito companheiros»¹⁹³, «martyres portugueses», «quasi todos os santos conhecidos deste reino»¹⁹⁴ – ordenados por regiões e cidades identificadas pelas suas armas – a receber, isto é, a acolher, com bons gestos¹⁹⁵ e boas palavras – se os anjos cantam, por vezes, versos sáficos¹⁹⁶, os santos de Portugal, além destes, declamam oitavas que formam uma espécie de cancionero sacro –, os santos estrangeiros como «tam grandes hóspedes»..., «santos hóspedes»¹⁹⁷. É este o verdadeiro recebimento, em que cada grupo de santos portugueses «festeja» e venera, saudando-os pela palavra de um deles em latim e depois em português, os santos estranhos que, perseguidos – os originários «de provincias tam inficionadas de heregia, onde estavam em perigo de serem desacatados e queimados»¹⁹⁸ – e peregrinos – todos –, chegavam e se acolhiam a Lisboa-S. Roque, «santa e gloriosa»¹⁹⁹, de quem, como afirmam os mesmos santos ao próprio S. Roque, «todo o ceo quer [...] ser hospedado»²⁰⁰. E nada custa a aceitar que esta insistência na hospedagem devida a «tão grandes hóspedes», mais que um traço de civilização, sublinha a hospitalidade como virtude, essa virtude tão cara aos primitivos cristãos e, na sua sequência, ao monaquismo²⁰¹, que percorre este recebimento, conferindo-

consideração Cayo GONZÁLEZ GUTIERREZ, *El teatro escolar de los jesuitas (1555-1640) y edición de la Tragedia de San Hermenegildo*, Oviedo, 1997.

¹⁹⁰ António FRANCO, *Évora ilustrada...*, ed. cit., 248 recorda que na abertura pública da igreja da Companhia em Évora em 1574 no momento em que a «procissão magnífica» de trasladação do Santíssimo para esse novo templo nele entrava, «diversas figuras de Anjos descobrindo-se de repente nas tribunas vestidos com muitas jóias e riqueza fizeram sua representação em honra do Senhor».

¹⁹¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 47r transcrevendo a «fala» (oitavas) que, saudando-as, S. Vicente dirige às relíquias.

¹⁹² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 25v-30r.

¹⁹³ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 30v.

¹⁹⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 30v.

¹⁹⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 44r: «Todo este lustroso coro de santos fazendo reverencia às santas reliquias...».

¹⁹⁶ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 29v.

¹⁹⁷ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 22r, 43r.

¹⁹⁸ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 3r.

¹⁹⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 47v.

²⁰⁰ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 83r.

²⁰¹ Jean DANIÉLOU, *Déportation et hospitalité* in *Essai sur le mystère de l'histoire*, Paris, 1953, ainda que sob a luz trágica das consequências da guerra – que, curiosamente, também não estão

lhe, assim, uma dimensão de que as festas, como manifestação de alegria, são inseparáveis. Coimbra também não o esquecerá. Por vezes, como parece ser legítimo insinuar, é Portugal – esse imenso povo que acorreu às festas e, um tanto tumultuosamente, venerou as relíquias²⁰² e as vai viver ou reviver na *Relaçam* –, por meio dos seus santos, quem faz o recebimento dos «ossos sagrados», quer dizer, dos santos cujas relíquias lhe chegam, e assim, como diz S. Vicente, «Quis Deos aqui fazer com nos juntar / hum novo paraíso de alegria»²⁰³. «Aqui» é, precisamente, «o reino e cidade onde ham de ser com toda a religião veneradas»²⁰⁴. E se D. Juan de Borja e sua mulher «escolheram a casa de Sam Roque de Lisboa» para as depositar, tal se deve, para além de razões de «particular devaçam» que já conhecemos, a que «ahi serão mais veneradas que em outras partes»²⁰⁵. Por outro lado, o recebimento, de que as festas são uma manifestação desse júbilo *doublé* da sua explicitação pela erudição catequética que a acompanha, é também – e o P. Manuel de Campos acentua-o desde as primeiras linhas – um momento de «confusão» para «os hereges dos nossos tempos» que mostram «mais barbara crueldade em perseguir e desacatar suas santas reliquias do que foy a dos tirannos em os martirizar»²⁰⁶. Compreende-se que o autor da *Relaçam*, sem pôr a questão nos termos em que, como havemos de ver, a coloca um Pero Roiz Soares, dê ao recebimento de tão «santos hóspedes» uma dimensão de «universal consolação e alegria espiritual de toda a cidade»²⁰⁷.

Neste momento, convirá recordar que o autor da *Relaçam*, alargando a lição do próprio cortejo e fixando-a por escrito, antes do recebimento que os santos de Portugal – o que quer dizer também os santos cujos «peregrinos despojos» estão em Portugal – fazem às «santas reliquias», elaborou um «breve catalogo» dessas personagens «em que se dá algũa noticia de quem foram, pera se ver como sam proprios deste reino», o que equivale a um sucinto *flos sanctorum* nacional de que, curiosamente, há-de lembrar-se, algumas vezes, Jorge Cardoso.

As festas – e entendamos aqui, antes de mais, a procissão que como que as organizava –, no primeiro dos arcos triunfais que ritmavam o itinerário, assinalado, como dissemos, por estátuas representando as Virtudes Teologais, davam um relevo especial ao «combate espiritual» exposto, por meio de

ausentes dos horizontes em que se inscrevem os recebimentos –, ponderou, em termos profundos e inesquecíveis, as dimensões dessa virtude cristã.

²⁰² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 8r, 86r.

²⁰³ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 47r.

²⁰⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 3r.

²⁰⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 4r.

²⁰⁶ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 1r-1v.

²⁰⁷ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 1r.

inúmeros hieroglifos, através do elogio das Virtudes e da derrota dos Vícios²⁰⁸, e ilustrado, num segundo, pela Glória dos Apóstolos e pela Vitória dos Mártires²⁰⁹. Compreende-se que já ao pé de S. Roque, um terceiro, «por neste tesouro aver grandes relíquias assi da Virgem, como do sagrado lenho da vera cruz», celebrasse, de um dos lados, com rosas vermelhas, o triunfo da Cruz e, do outro lado, com lírios e rosas brancas, o triunfo da Virgem²¹⁰.

Valerá a pena atentar que, neste último e mais imponente arco, a face dedicada à «triumfal bandeira da nossa salvação» levava dois nichos: um com a estátua de Constantino Magno com a letra «*Salutiferae Crucis vexillo triumphanti.D.*», isto é, «as palavras que lhe foram ditas à vista de hũa cruz resplandecente que no ceo lhe apareceu, quando hia para Roma a dar batalha a Maxencio tyrano»²¹¹, e outro, simétrico ao anterior, com a estátua de Afonso Henriques, «vestido à antigua com o escudo das armas deste reino a hũa ilharga, e por letra aquillo que disse vendo a cruz que lhe apareceu no campo de Ourique, estando pera dar batalha aos cinco reys Mouros. «*Non mihi, sed barbaris. Aos infieis, Senhor, aos infieis, / E não a mim, que creio o que podeis*»²¹². Um triunfo da cruz que era também um triunfo dos portugueses, a quem – a muitos, pelo menos – não escaparia a tradução lusíada das palavras do seu primeiro rei²¹³.

Na face dedicada ao triunfo de Santa Maria, simétrica à anterior – apenas variando nas figuras e letras que ilustravam referências ou epítetos bíblicos e de autores medievais à Virgem²¹⁴, bem como da botânica e da zoologia simbólicas a ela aplicáveis²¹⁵ – havia, presidindo, «hũa Senhora pintada de colorido, com o menino Jesus em seus braços, o qual juntamente com a Virgem sua mãy estava lançando ouro e pedras preciosas em grande quantidade, as quaes recolham muita gente que ficava por baixo com as mãos estendidas, significação triumphal das muitas e grandes merces que por meyo da sacratissima Virgem cada dia se nos comunicam». Naturalmente, esta segunda face é, de certo modo, uma ilustração de uma espécie de ladainha da Virgem – *Arca Dei...*, *Turris Davidica...*, *Speculum sine macula...*, *Unica avis...*, *Stela matutina...*, *Culmen amoris...*, *Arbor pulcherrima.*, *Amor consurgens...*, etc. – de forte acento devocional, como aliás, deixa imediatamente perceber a pintura que

²⁰⁸ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 48r.

²⁰⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 63r.

²¹⁰ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 70r.

²¹¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 70r.

²¹² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 73r.

²¹³ Luís de Camões, *Os Lusíadas*, III, 45.

²¹⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 77v (S. Tomás), 78r (S. Bernardo).

²¹⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 79r (a erva cidreira, a águia), 78v (o cedro, a estrela da alva).

presidia a esta face do arco, pintura essa encimada por uma explícita «letra» de S. Bernardo: «*Omnia per manus Mariae*. Toda a graça, e todo bem / Por mãos de Maria vem»²¹⁶.

Uma excelente brecha para recapitular as dimensões espirituais que deveriam decorrer do recebimento é, seguramente, o sermão que o P. Inácio Martins, S.J., o célebre «Mestre da Doutrina», pregou em 26.1.1588, durante a «missa de pontifical» da «festa da tresladação e colocação das santas relíquias» na igreja de S. Roque estando presente o «Rverendissimo de Hybernia» e «o Illustrissimo de Lisboa, e muitos senhores, e grande concurso de nobreza»²¹⁷. Para além desta sua importância, há que salientar que é o único sermão impresso – e até mesmo completamente elaborado – de alguém que, em seus dias, foi considerado um dos grandes pregadores²¹⁸.

Partindo de um tema paulino – *Tantum igitur habentes nubem testium curramus ad propositum nobis certamen* (*Ad Heb.12*) –, alusivo à festa da conversão de S. Paulo que se tinha celebrado no próprio dia do recebimento (25.1), propõe que tendo «hüia tam grande nuvem de santos diante dos olhos, o que importa he, que nos tambem procuremos de o ser, e nos esforcemos a correr a carreira da virtude, pera merecer a coroa que elles alcançaram»²¹⁹. Esta nuvem, porém, deu a chuva de relíquias em Lisboa que todos puderam ver e venerar, especialmente «como peças de principalissimo preço e estima reliquias do vestido da sacratissima Virgem nossa Senhora»²²⁰, e, tal como aquela «nuvem milagrosa» que ia acompanhando Israel desde o Egipto, também desta resultará para Portugal «honra publica, desfensão segura e guia certa», três pontos que explanará ao longo do breve sermão.

Trazer Deus tantos ossos de santos a Lisboa é «Deos dar hum pregão que ao presente há muita fee e virtude em Lisboa», já que, por exemplos do Evangelho e do martirólogo, se verifica que «hüia providencia tam usada de Deos, [é] despojos sagrados de santos mortos ordenar que venham a poder de gente que conheça seu inestimavel preço e valia»²²¹. E, assim, provado fica que «trazer Deos agora hum tam grande deposito de ossos de santos a Lisboa, he dar hum publico testemunho de que nesta cidade há muita fee, devaçam, e piedade, e muita gente virtuosa de quem se possa confiar a honra de seus santos»²²². Mais ainda: tal «nuvem de santos» é um testemunho divino de que «ama esta cidade

²¹⁶ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 77r.

²¹⁷ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 85v.

²¹⁸ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 489.

²¹⁹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 97r.

²²⁰ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 97v.

²²¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 98v.

²²² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 99r.

avantajadamente», pois, se «he grande a estima em que Deos tem qualquer reliquia (ainda que muy piquena) de hum santo», já que «o osso de hum santo he hũa peça da eternidade, por que Deos o tem em olho para o resuscitar inteiro e glorioso», daqui se segue, com evidência, que «tem Deos avantejado amor a cidade de Lisboa, pois oje lhe dá a guardar hũa tam grande multidão de ossos de santos»²²³. E se Lisboa vê «entrar cada dia grandes riquezas, o ouro da mina, a prata do Peru e nova Espanha, os rubis de Ceilão, as perolas do Bares, curiosas peças da China, drogas da India, e riquezas de todo mundo», há muitos anos, porém, que não «entrou nesta cidade semelhante tesouro», em que «a mais piquena reliquia das muitas que Deos nos deu» pesa muito mais do que todas essas riquezas juntas²²⁴.

Como não será tal «nuvem de santos» defesa segura da cidade e do reino? Efectivamente, se especialmente devemos honrar os santos cujas relíquias possuímos, «pois comnosco morão e nos defendem na vida, e recebem nossas almas na morte», do mesmo modo «trazer Deos a esta cidade tantos ossos de santos, he, querela defender». Deus, quando quis destruir uma cidade, dela mandava sair os santos – como em Jerusalém – donde se segue «que quando Deos mete santos em hũa cidade, he como meter-lhe guarnição, e fortificala para a defender»²²⁵. E alargando o conceito de protecção – da defesa à terapêutica –, Inácio Martins, com apoio de exemplos bíblicos, assenta ainda que «também as santas reliquias servirão a Lisboa de fontes», isto é, fontes de saúde, não apenas das almas, mas também dos corpos²²⁶.

O último ponto – «guia certa» – é mais rapidamente resolvido, pois para o pregador é evidente – como espera o seja para os seus ouvintes – que «nesta soberana nuvem» se encerram «reliquias de tantos santos em que resplandeceram insignes exemplos de todas as virtudes», por exemplo, a pureza das onze mil Virgens..., a misericórdia e a esmola de S. João Esmoler..., a penitencia da Madalena²²⁷....

Finalmente, Inácio Martins louva aos ouvintes «todo o alvoroço, aparato, e magnificencia» com que receberam essa «nuvem de reliquias», pois cumpriram «o que Deus quer que se faça a seus santos» e, mais ainda, imitaram os antigos cristãos. Para o primeiro ponto, partindo dos decretos tridentinos sobre a veneração das relíquias – a conhecida passagem da *Sess.XXV, De invocatione, veneratione et reliquiis sanctorum, et de sacris imaginibus*²²⁸ – e

²²³ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 99v.

²²⁴ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 99v.

²²⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 100r.

²²⁶ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 100v.

²²⁷ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 110r.

²²⁸ Josepho ALBERIGO et alli, *Conciliarum oecumenicorum decreta*, Bologna, 1973, 775 apresenta dessa passagem uma lição literalmente diferente da que cita Inácio Martins. Consequência

subindo até ao terceiro concílio bracarense e depois a S. João Crisóstomo explica que «onde o corpo do infiel se há de por em lugar profano, e o do fiel e penitente em lugar sagrado, o corpo do santo põeno Deos no altar consigo, e dalhe cadeira junto de si, pera ahi ser venerado dos principes e monarchas do mundo», numa clara alusão à tradição da colocação das relíquias no altar²²⁹, situação que em S. Roque ainda se evidencia pela sua colocação nos nichos do lado do altar mor, a cujos pés está a sepultura do doador de esta «nuvem de santos». Quanto ao segundo ponto, o pregador, através de cinco exemplos «históricos», mas nem por isso menos maravilhosos – de Roma, Inglaterra, Constantinopla, Alexandria e França – mostra «como sempre na Igreja catholica os antigos e santos prelados uniformemente concordaram neste artigo tão importante de nossa religião, que he a veneração das santas relíquias»²³⁰. É fácil de perceber que, apoiado em concílios e doutores da Igreja e na Tradição, Inácio Martins, assimilando, não sem um leve toque contra-reformista, «antigos christãos» a «verdadeiros christãos», tenha concluído, exaltando a participação dos que o escutavam nessas esplêndidas festas organizadas pela Companhia, que «de todos estes exemplos fica claro como nesta celebridade imitastes os verdadeiros christãos, alegrastes os Anjos, confundistes aos hereges e a nos endividastes: os santos o pagarão»²³¹. Naturalmente, esta retribuição exige que aos santos se recorra para que «[nos] acudam em [nossas] necessidades», pois, mais que os próximos deste mundo, «elles são verdadeiros proximos»²³², devoto e tradicional convite que o pregador desenvolve num apelo à conversão no remate do seu discurso: «Animados com o seu favor, e movidos com tantos exemplos de santos, corramos, como diz sam Paulo no nosso thema: Quem está em peccado corte os impedimentos que o detem, e quem começou a servir a Deos não pare. Corramos todos tẽ chegar ao desejado fim desta carreira, onde Christo acompanhado de Santos e Anjos nos espera com coroa de eterna gloria»²³³.

Uma «singela composição»²³⁴, sem dúvida, mas que soube cativar os seus ouvintes pelo lado positivo da sua participação nesse recebimento – essas célebres festas, sem a sua massiva participação, não teriam nem por elas nem por eles o mesmo impacto de renovação devocional no contexto de cristandade

de uma citação de memória em latim? Ou da sua *reportatio*? Não teria sido o texto pregado revisto para publicação?

²²⁹ G. J. C. SNOEK, *Medieval piety from relics to the Eucharist. A process of mutual interaction*, Leiden, 1995 estudou com precisão tal tradição.

²³⁰ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 102r.

²³¹ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 104r.

²³² Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 104r-104v.

²³³ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 108v.

²³⁴ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 489.

romana em que se inscreviam – sem críticas, mas antes, exaltando a sua fé e daí tirando todas as conseqüências – o amor, a protecção e «guia de vida» que Deus, por meio de seus santos e, em especial, *destes* seus santos, consagrava a Lisboa – formular o convite à imitação dos mesmos santos. E se teria sido fácil ao pregador inscrever no seu sermão algumas críticas de tipo moral – o amor às riquezas que entravam em Lisboa, por exemplo –, preferiu, no entanto, mostrar, como na balança do amor de Deus, uma relíquia, por mínima que seja, pesa muito mais que todas as riquezas. Não participavam todos num recebimento de relíquias? Não se tratava de consagrar um «novo ceo»?

De qualquer modo, essa curta meditação em que até parece haver uma alusão à situação nova de Lisboa como porto dos galeões da «prata do Peru e da nova Espanha», coroando as celebrações desse dia e abrindo, por assim dizer, as pregações dos oito dias seguintes – um oitavário comum à festa da *translacio* – em que Lisboa em peso – das inúmeras confrarias que participaram na procissão até ao «piedoso exercito» dos pobres de Lisboa sob a invocação de Santo Aleixo²³⁵ e «os pretos [...] de todas as nações delles, das quaes há vinte nesta cidade, cada hũa com sua bandeira de nossa Senhora do Rosario, e seus habitos brancos com muita cera, e cruces»²³⁶, passando pelos moços da ribeira levando a imagem de S. Gonçalo de Amarante²³⁷, para encerrar com os mais de 1.500 estudantes do colégio dos jesuítas de Santo Antão com a sua confraria de Nossa Senhora da Anunciada²³⁸ – ocorreu a S. Roque a venerar as relíquias e a escutar os sermões em «que se contavão os milagres que estes santos Reliques tinham feitos e que taes eram cousa serto pera ver e ouvir» – uma dimensão que, curiosamente, como se terá notado, está, enquanto tal, ausente do sermão de Inácio Martins – encerrava um recebimento que, como recordava P. Roiz Soares, testemunha de festas e pregações, «não foy pequena consolassam pera Portugal esta merce de Deos em trazer a elle tanto Relique em tempo que estava tam atrebulado padecendo tanto detremento com a soldadesca estrangeira que nelle estava alojada polas cassas dos pobres donde faziam mil ynsultos cada dia e ajuntandosse outra muita mais que cada dia vinha pera ir nesta jornada de Ingallaterra e alem do que na terra padeçiamos tinhamos no mar os Ingresses que nos tinham em serco não lhescapando nada nesta barra...»²³⁹. Uma dimensão social e política que não há que isolar do contexto mais imediato do recebimento das relíquias de 1588. Se os santos, como pregava Mestre Inácio, honram..., protegem..., guiam..., também, como pensava Roiz Soares, consolam com a esperança de melhores tempos.

²³⁵ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 87r.

²³⁶ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 87v.

²³⁷ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 87v.

²³⁸ Manuel de CAMPOS, *Relaçam do recebimento de S. Roque...*, 88r.

²³⁹ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 244.

VII – Sete anos depois, em 1595, celebrou-se em Coimbra um outro recebimento de relíquias que, apesar de tudo, quer pelo número de «divinas cinzas» trasladadas – menos de meia centena – quer pela riqueza das festas quer ainda pela categoria social de alguns participantes – não se encontrou presente um vice-rei, até porque à data já não o havia²⁴⁰ –, esteve longe de alcançar o brilhantismo e até, talvez, mesmo o significado que revestiu o de 1588. E, no entanto, para além do que há-de derivar dos próprios cânones de um recebimento – que, em boa verdade, talvez não seja senão uma forma de *tanslatio* –, dir-se-ia que houve um esforço de adaptar – seria exagerado dizer copiar – muito das festas de 1588, cuja *Relaçam* o organizador – ou organizadores – do recebimento coimbrão seguramente conheceria²⁴¹.

Como deixamos aludido, a *Relaçam* de 1595 está em forma de carta que um estudante canonista escreve a um amigo que lhe teria pedido um relato circunstanciado do recebimento, artifício literário que permite ao autor – Dom Gaspar dos Reis²⁴² – estender-se, por vezes um tanto profusamente, sobre muitos pormenores, já que o amigo lhe tinha pedido que contasse tudo... As actas dos capítulos de Santa Cruz entre 1554 e 1600 permitem completar alguns aspectos da *Relaçam*, sobretudo no que diz respeito à aceitação das relíquias e à preparação do seu recebimento.

Qualquer tenha sido o número exacto das relíquias entradas em Santa Cruz – os crúzios tinham notícias de «que por todas seriam mais de sessenta»²⁴³ –, convirá notar que o mosteiro coimbrão era, como tivemos ocasião de sugerir através de alguns exemplos, um vasto depósito de «divinas cinzas» – «que estavam veneradas já de muitos annos, que Reys antigos do nosso Portugal, graciosamente ao dito Convento doarão»²⁴⁴ – e, como referimos, ainda de raridades dignas de figurar em qualquer «Wunderkammern». Apesar de «tantos e tão ricos thesouros» – uma razão mais, como dirá no seu sermão o crúzio Dom

²⁴⁰ O vice-rei, cardeal Alberto de Áustria, tinha-se retirado em 16. 8.1593. Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 299-300, além da notícia e das despedidas, dá a sua visão dos anos do seu governo que, segundo a sua visão anti-castelhana, não teria deixado qualquer saudade. Da mesma opinião não eram, naturalmente, o bispo de Leiria, Pedro Castilho, e o conde de Portalegre, Juan de Silva, que escreviam das saudades gerais que o cardeal deixara em Portugal, como assinala Francisco CAEIRO, *O arquiduque Alberto de Áustria...*, ed. cit., 357.

²⁴¹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 17r alude a «hum douto padre» que ordenara um «passo de grande espírito» – o dos espíritos danados comandados por Belzebu – que ia na procissão; e 99r diz ter ido «algũas vezes por merce do Padre Geral offerecerlhe com humildade o trabalho que elles me tornarão em descanso», no que pode ir uma velada alusão à sua participação na organização das festas.

²⁴² Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, ed. cit., 368 uma escoreita notícia praticamente limitada à autoria da *Relaçam do solenne recebimento...*

²⁴³ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 156.

²⁴⁴ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 19r (conf. 101r).

Miguel dos Anjos (†1610)²⁴⁵, para Deus se sentir obrigado a «continuar com estas mercês»²⁴⁶ – e de algumas relíquias cobiçadíssimas – o corpo de S. Teotónio..., um dente de S. Sebastião..., os corpos dos cinco Mártires de Marrocos..., por exemplo – que, como vimos, consentiam, em casos precisos, em repartir, moderadamente, os seus tesouros..., – alguma vez também os viu descuidados, furtados e empenhados²⁴⁷ ... – o que, além do mais, poderia ajudar a explicar o interesse por esta cerca de menos de meia centena de novas relíquias²⁴⁸ que, aliás, vinham juntar-se a muitas que dos mesmos santos o mosteiro já tinha. Se quanto ao seu número global podemos contar, através dos dados que fornece a *Relaçam*, cerca de meia centena de «sacros restos», do ponto de vista da sua «qualidade» sabemos que o conjunto trazido para Coimbra se compunha de mais de 21 ossos – «Huns ossos de Sam Pedro, e Sam Paulo», quantos ossos são? –, 6 canas, 2 costelas, 4 cabeças, 2 cascos, 2 artelhos, 1 osso de uma perna e 1 osso de uma espádua, 2 artelhos, uns corporais e 1 pedaço de uma casula.

Havemos, no entanto, de concordar que uma casa de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho quisesse possuir um dedo – pensava-se que do índex – do seu patrono – ao parecer, não guardava ainda qualquer relíquia do bispo de Hipona –, e que esta relíquia tenha sido um elemento importante para a decisão do mosteiro em aceitar negociar a oferta que desde Roma e de Madrid faziam dessa colecção. Na comunicação do caso ao capítulo de Santa Cruz, o Padre geral enumerava, em primeiro lugar, precisamente, esse «dedo de nosso padre Santo Agostinho»²⁴⁹, que veio a revelar-se serem apenas dous artelhos. Compreende-se que para tal relíquia se tenha mandado fazer um riquíssimo relicário que mereceu um destaque especial na procissão – e, obviamente na *Relaçam*²⁵⁰ –, tal como, depois, o merecerá no sermão de Dom Miguel dos Anjos²⁵¹. Curiosamente, porém, em 6.9.1595, cerca de um mês antes da realização das festas, o Geral da ordem dava conta aos capitulares que, estando «na samchristia muitas reliquias de sanctos que estão em sacos e involtorios pollas caixas e reliquarios encubertas e mal agasalhadas» – o que parece denota um certo abandono do tesouro de relíquias da casa –, seria aconselhável uma certa reorganização desse mesmo tesouro, isto é, que «se posessem e

²⁴⁵ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, Lisboa, 1752 (aliás, Coimbra, 1956), 463, além do ano da sua morte, não refere mais que o sermão que pregou no recebimento das relíquias em 1595.

²⁴⁶ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 88r-88v.

²⁴⁷ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz* ed. cit., 11-12.

²⁴⁸ Como se poderá verificar pelo rol que transcrevemos em Apêndice, alguns dos itens contêm mais do que uma relíquia, donde os 32 itens deverão rondar as 48 relíquias.

²⁴⁹ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 156.

²⁵⁰ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 40v, 54r-55v.

²⁵¹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 93r-94r.

repartissem pollos reliquarios que agora se fizeram pera as relíquias que nova mente vierão de frandes e outras partes e que as de hum mesmo sancto se juntassem em hum soo reliquario»²⁵². A proposta foi aceite e teve eco na própria *Relaçam*, pois Gaspar dos Reis, ao descrever as relíquias que saíram na procissão do recebimento onde, como era de consequência pela decisão do capítulo, as novas relíquias foram acompanhadas por muitas das que tinha o mosteiro, previne que as – aparentemente – repetidas são dos mesmos santos, embora não fossem as mesmas²⁵³.

VIII – Coimbra que, em 1595, recebia essa colecção de «peregrinos despojos», apareceria ainda, a muitos cortesãos – mesmo aos de uma Lisboa de Governadores..., sem rei nem vice-rei... –, como uma cidade rica, ainda que periférica e provinciana, apesar da sua Universidade, motor importante de uma mobilidade social que não se cingia apenas aos seus muros²⁵⁴, já não ostentar o dinamismo que lhe comunicou a reforma de D. João III. Aliás, se tinha, desde 1559, uma concorrente – a universidade de Évora – em domínios importantes – Filosofia e Teologia e a parte não contenciosa do Direito Canónico –, era ainda a cidade universitária por antonomásia, continuando a manter, todavia, como era natural, um dinamismo editorial importante. Compreende-se que a Universidade, sobretudo as suas autoridades, a começar pelo reitor, tivessem tomado uma parte relevante no recebimento de 1595, como o refere explicitamente a *Relaçam* de Dom Gaspar, que, curiosamente, se mal não lemos, não dá qualquer relevo à participação dos estudantes. E, apesar da sua posição relativamente interior, também Coimbra não terá ficado imune aos sobressaltos – ou aos seus ecos – dos ataques dos piratas ingleses aos portos portugueses, ainda que, evidentemente, não andasse «com ho olho sobre ho hombro» como Lisboa²⁵⁵ ou os portos dos Algarve. Mesmo deixando Peniche – sempre à espreita de velas corsárias depois de 1589²⁵⁶ – vale a pena recordar que um bispo conde, D. Afonso de Castelo Branco, esse mesmo que pregará solemente no recebimento das relíquias em 1595, se dispôs a enfrentar, recrutando gente de terras à volta de Coimbra – Soure, Ega, Condeixa, Pombal, etc. –, os ingleses que tinham saqueado Buarcos²⁵⁷. Por outro lado, o mosteiro de Santa Cruz, da idade do reino, e de relevante importância nos estudos universitários desde

²⁵² ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz, ed. cit., 161.

²⁵³ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 11v.

²⁵⁴ António de OLIVEIRA, *Estrutura social de Coimbra no século XVI in A sociedade e a cultura de Coimbra no Renascimento (Actas do simpósio internacional – IV Centenário da morte de João de Ruão)*, Coimbra, 1982, 57-95 (especialmente, 59, 73) facilitou-nos, com a sua documentada síntese, a enunciação de muitas das perspectivas assinaladas.

²⁵⁵ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 337.

²⁵⁶ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 289, 310.

²⁵⁷ Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, II, ed. cit., 607.

1534-1535 primórdios da reforma da universidade em Coimbra²⁵⁸, já não seria, apesar do gosto pelas obras que ainda transparece nas actas capitulares entre 1554 e 1600 – em 1593 começava a construção do seu colégio de Santo Agostinho²⁵⁹ –, essa casa em que se experimentaram tantas novidade artísticas²⁶⁰. E do ponto de vista da dinâmica como ordem religiosa, os cónegos regrantes de Santa Cruz, como, aliás, transparece dessas mesmas actas em que as preocupações administrativas se diriam sobrepor a todas as mais, não seriam já uma ordem renovadora. Recordemos que, entre 1581 e 1585, apenas dois dos seus membros acederam à ordenação presbiterial²⁶¹.

De qualquer modo, foi a esta antiquíssima e famosa casa que arribaram, antes de 6.9.1595, data em que o capítulo se lhes refere como já chegadas²⁶², as relíquias que, em 1592²⁶³, um Dom Felix de Rojas, espanhol e também ele cónego regular no «mosteyro de Sam Marcos Tuemense (Ordem de Santo Agostinho)» – porque nunca se estabelecerá quer na *Relaçam* quer nas actas capitulares uma relação directa entre os cónegos regrantes de Santa Cruz e os cónegos regulares do mosteiro flamengo? Porque nunca se dirá de D. Felix «cónego da nossa ordem»? ²⁶⁴– «pretendeo com pio e santo zelo, serem-lhe dadas em alguns dos seus mosteyros parte das Reliquias Santas» que chegaram, sendo que «outra parte das Reliquias se tirarão à instancia do mesmo Padre, de mosteyros da mesma religião já quasi arroinados, e desfeitos com o furor danado, de guerras, e heresias, que naquelles estados sem cessar continuamente

²⁵⁸ José S. da Silva DIAS, *A política cultural na época de D. João III*, Coimbra, 1969, 489-528; Cândido dos SANTOS, *Os Jerónimos em Portugal. Das origens aos fins do século XVI*, Porto, 1980, 116-123; 246-247.

²⁵⁹ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 153.

²⁶⁰ Pedro DIAS, *Alguns aspectos da recepção das correntes artísticas em Coimbra durante o século XVI*, in *A sociedade e a cultura de Coimbra no Renascimento (Actas do simpósio internacional – IV Centenário da morte de João de Ruão)*, ed. cit., 97-127 (124)

²⁶¹ Fernando Taveira da FONSECA, *Origem social do clero conimbricense no século XVI (1581-1585)*, in *A sociedade e a cultura de Coimbra no Renascimento (Actas do simpósio internacional – IV Centenário da morte de João de Ruão)*, ed. cit., 27-56 (32).

²⁶² *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 161.

²⁶³ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 1r.

²⁶⁴ Nicolau de SANTA MARIA, *Chronica da ordem dos conegos regrantes do patriacha santo Agostinho*, ed. cit., I, 10, 30, 386 precisa – sugerindo a diferença – que Dom Félix pertencia à Congregação Windense [Windesheim] dos cónegos regrantes, seguindo, porém, no que diz respeito ao recebimento de 1595, quase à letra, a *Relaçam* de Gaspar dos Reis; Curiosamente, já se tem eventado – mas é necessário demonstrá-lo com seguras provas – que em Santa Cruz reformada por Frei Brás de Braga, O.S.H., poderiam detectar-se influências espirituais dos cónegos agostinhos flamencos. De uma mera sugestão nesse sentido feita por José S. da Silva DIAS, *A política cultural na época de D. João III*, ed. cit., I, 374, Cândido dos SANTOS, *Os jerónimos em Portugal*, ed. cit., 246, pensa que há «indimentáveis relações de influência entre a a reforma pedagógico-espiritual, dos irmãos da vida comum e a reforma levado a cabo na abadia de Santa Cruz».

ardem»²⁶⁵? As afirmações estão certas, pois o Prior geral de Santa Cruz, Dom Cristovão de Cristo – que no dizer da *Relaçam* tanto se empenhou na vinda das relíquias e nas festas do recebimento, a que, afinal, não poderá assistir²⁶⁶ – informa, quase nos mesmos termos o capítulo, apenas acrescentando que Dom Félix as obtivera «com muitos trabalhos e gastos», gastos esses – «assi no caminho como em tirar stromentos publicos e cedas que comprou pera involtorios dellas»²⁶⁷ – que, de acordo com a decisão do capítulo, lhe devem ter sido integralmente pagos pelo mosteiro de Coimbra, que igualmente parece exigir que as relíquias viessem acompanhadas pelo dito Dom Felix²⁶⁸, o que efectivamente veio a acontecer²⁶⁹. Aprovadas que foram por muito diversas autoridades assim eclesiásticas – das «de Santa Úrsula, e algüas das onze mil Virgens, e muitos outros santos» ficou provado «serem aquellas as verdadeiras que a Serenissima Emperatriz Maria [de Borgonha] molher de Maximiliano Avo de Carlos Quinto Pay delRey nosso Senhor graciosamente doaram àquelle convento»²⁷⁰ – e garantida a sua autenticidade – por testemunhos firmados por «Varões Illustres assim em alteza de sangue, como no valor das armas e cargos militares de poderosos exercitos que Sua magestade naquelles estados [de Flandres] tras»²⁷¹ –, as relíquias passaram a Roma – onde Dom Félix encontrou dois cónegos de Santa Cruz que aí estavam em negócios da ordem²⁷², e onde foram novamente aprovadas por outras autoridades²⁷³ – e, por fim, vieram a Madrid onde «[Dom Félix] achou dous religiosos mandados pello Padre D. Christovão Prior geral a negócios de importancia»²⁷⁴ que, prevenidos, sobre «o que devião fazer pelo que agasalharam consigo o Padre Dom Felix com o thesouro das sagradas relíquias», acabaram por «ho [comover] que collocasse as Santas Reliquias nesta Santa Casa de Coimbra como aquella que em todo o mundo não conhece superior na vista e devida veneração dos Santos»²⁷⁵. Tendo sido objecto de novas aprovações em Madrid, chegaram a Coimbra onde «o Padre Dom Felix descansou vendose naquelle paraiso que as suas reliquias buscara» e para que buscou novas e finais aprovações pelas autoridades eclesiásticas da diocese, a última das quais foi, naturalmente, o reconhecimento

²⁶⁵ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 2r-2v.

²⁶⁶ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, «Ao Leytor», 4r.

²⁶⁷ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 156.

²⁶⁸ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 156.

²⁶⁹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 4r.

²⁷⁰ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 3r.

²⁷¹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 3r.

²⁷² *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 159.

²⁷³ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 3v.

²⁷⁴ *ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, ed. cit., 159, 145.

²⁷⁵ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 4r.

das aprovações e dos «santos despojos» pelo bispo conde, o esmoler e rigoroso D. Afonso de Castelo Branco²⁷⁶. Pelo relato não parece que fossem exigíveis tantas aprovações – aliás, algumas delas parecem ser única e exclusivamente da decisão de Dom Félix –, e, talvez por isso, Dom Gaspar dos Reis justifica-as, desde o começo, «porque depois não ouvesse animos leves que podessem duvidar da verdade onde ha tanta», mas nada impede que, para além do «pio zelo» do cónego hispano-flamengo, se possa levantar, ainda que ao de leve, alguma suspeita de um certo negócio à volta das relíquias. Não lhe teriam pagado os «trabalhos», mas os gastos que o mosteiro decidiu pagar-lhe foram apenas os do caminho, das aprovações e das sedas ou o pagamento de «tudo que com ellas despendera» engloba algo mais?

Interessa ainda notar que na mesma reunião capitular de 25.9.1593 ficou também resolvido que as relíquias «fossem recebidas com todo o aparato divido a tam grande tizouro», o que veio a ser confirmado, quase dois anos depois, em reunião de 6.9.1595, quando já as relíquias se encontravam no mosteiro. Além dos relicários novos a elas destinados – tinham chegado, como era quase tradição, «em hum baul»²⁷⁷ e não em relicários magníficos como as de S. Roque – e à reorganização do tesouro das relíquias do mosteiro, deveriam fazer-se os gastos que ao prior geral bem parecessem «pera louvor do Senhor, e de seus sanctos e devaçam do povo»²⁷⁸.

O recebimento – a que terá assistido, sem qualquer relevo, o cónego Dom Félix de Rojas e de que, por iniludível missão fora de Coimbra, esteve ausente o prior geral, Dom Cristóvão de Cristo, a quem é dedicada a *Relaçam*, porque, além do mais, ele também a encomendou²⁷⁹ – começou, como em S. Roque, por uma solene procissão desde a sé até à igreja de Santa Cruz, itinerário que abrindo com a estátua alegórica da Cidade de Coimbra «em cujas mãos fazia Deos a divina entrega» das relíquias – recebidas, porém, em seu nome, pelo Anjo Custódio da cidade²⁸⁰ – vinha a terminar, perto do mosteiro, por meio de outro «arco triunfante» que, obviamente, impunha a exaltação da santa Cruz, num jogo conceptual que, caro ao seu autor, cruza todo o texto da *Relaçam*²⁸¹. Se a riqueza da decoração é, apesar de não sofrer uma comparação cerrada com a das festas de 1588, evidente, é nela igualmente menos visível a carga de emblemas e outros recursos eruditos sacros ou «ao divino» que, veículos de mensagens de espiritualidade, preenchem todos os espaços decoráveis no

²⁷⁶ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 4v, 5r; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal...*, ed. cit., II, 606-607.

²⁷⁷ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 4r.

²⁷⁸ ACTAS dos capítulos do mosteiro de Santa Cruz, ed. cit., 161.

²⁷⁹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, «Ao leytor».

²⁸⁰ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 10v.

²⁸¹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 12v-15r.

itinerário do recebimento organizado pela Companhia de Jesus. O que, sem dúvida, terá atraído a multidão que acorreu²⁸² – que peso terá tido a ameaça de excomunhão episcopal a quem não participasse^{283?} – não seriam tanto os versos latinos que, de quando em vez, se cantavam – como parece se deveria ao decoro da Lusa Atenas onde se passavam as festas e, por isso, apenas um momento se ouvirá em português um mote com sua volta enaltecendo a cruz em Santa Cruz²⁸⁴ – nem as figuras alegóricas – o Rumor, a Fama, o Tempo, o Custódio dos Cónegos Regrantes, a Fortaleza, a Justiça, o Trabalho, o Merecimento, o Prémio e a Virtude – que no teatro, com mais de duzentos figurantes, armado, por meio de alta maquinaria, pouco antes do terreiro do mosteiro, acolhiam as figuras de alguns dos recém chegados santos-reliíquias que vinham na procissão – S. Jorge, S. Sebastião²⁸⁵, o coro das Virgens com Santa Gudaleva, Santa Úrsula, S. Dionísio Areopagita e, por fim, Santo Agostinho riquissimamente vestido de cónego regrante²⁸⁶ – e, prévias justificações em latim, eram coroados pelo Prémio antes de entrarem no «novo ceo» de Santa Cruz²⁸⁷, mas, sim, os quatro riquíssimos e complicados andores e os vinte e quatro imponentes relicários – com destaque para o das relíquias de Santo Agostinho²⁸⁸ – em que desfilavam os «hospedes tam honrados» que acabavam de chegar e eram honrosamente colocados «em hum alto e bem lavrado throno de tres faces

²⁸² Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 56r.

²⁸³ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 15v, ainda que não seja claro se a ameaça de excomunhão, prevenindo faltas por causa do mau tempo, estava reservada ao clero ou a todos «os seus obedientes e amados subditos» em geral.

²⁸⁴ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 53r-53v.

²⁸⁵ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 18r assinala, entre as relíquias dos mártires «novamente vindas» uma «cana do braço de sam Sebastião» – que, logo, não existia antes dessa data e que, evidentemente, o Dr. Brás Neto não podia ter visto em Coimbra antes de 1531... Mas, ao parecer, possuíam os cónegos crúzios um dente do mesmo mártir que, juntamente com essa cana do braço e outra de S. Fabião, ia no terceiro relicário da procissão (conf. *Relaçam*, 27v), isto pela razão de, por decisão do capítulo, se terem juntado no mesmo relicário as relíquias de um santo que o mosteiro já possuía com outras «novamente vindas» do mesmo santo. E anotemos que no mesmo relicário se juntou a cana de um braço de S. Fabião – outra relíquia das «novamente vindas» –, santo que nada tem a ver com a protecção contra a peste, mas que aparece em algumas gravuras junto a S. Sebastião, já que as suas festas caem a 20 de Janeiro, como explica Mário da Costa ROQUE, *As pestes medievais europeias...*, ed. cit., 266-268. Os crúzios procederam desse modo por terem presente a lição litúrgica que as estampas sublinhavam, ou, porque, vendo juntos nessas estampas os dois santos, supunham que ambos eram protectores contra a peste?

²⁸⁶ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 40r, 43r.

²⁸⁷ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 43v-53r.

²⁸⁸ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 54r-55r; por não ter ficado pronto a tempo de ser levado na procissão, o relicário de S. Brás, «todo de prata fermosissimo» «enriquecido com vinte e hũa pedras de cores varias», mandado fazer por D. Cristóvão de Cristo, pela especial devoção que tinha ao santo, é descrito em capítulo à parte (102r-102v).

dourado em partes, e todo lavrado em brutesco» que se encontrava na capela-mor²⁸⁹.

O recebimento continuou no dia seguinte pela manhã com o sermão do bispo D. Afonso de Castelo Branco e, depois, durante oito dias, foram «as reliquias vigiadas pelos [...] religiosos, de noite e de dia sempre com tochas e sirios acezos e cheirosos perfumes e em todos elles sempre ouve Missa e Vespera de canto de órgão»²⁹⁰, o que parece indicar que não terá havido sermões quotidianos como em S. Roque. No oitavo dia, além do sermão do Padre Vigário do mosteiro, realizou-se, à tarde, com a presença do reitor da Universidade²⁹¹, uma nova e soleníssima procissão nos claustros – adornados, como vimos, com alguma imagem de carácter emblemático e outras de tema mitológico – destinada a conduzir as relíquias à «casa conveniente pera o effeyto de sua veneração»²⁹².

IX – A estar pela *Relaçam*, as diferentes dimensões espirituais do recebimento de 1595 parecem – e, certamente, terão, então, parecido – imediatamente menos visíveis do que as que acentuavam o recebimento de 1588, já que, como tivemos ocasião de insinuar, não há um visível e constante apelo, por meio de letreiros, de figuras, da exploração de simbolismos baseados na letra e na imagem (emblemas..., hieroglifos..., empresas) às virtudes detalhadamente expostas..., ao «combate espiritual»..., ao valor do sofrimento dos mártires por Cristo..., etc.. Por outro lado, mesmo tendo em conta que tudo se passava numa cidade letrada, a utilização quase sistemática do latim como língua das figuras da procissão deveria tornar mais opacas muitas das dimensões espiritualizantes que propunham algumas figuras alegóricas – a Virtude..., o Prémio... – e a representação de alguns santos que seguiam na procissão. E mesmo a descrição minuciosa e entusiástica que Dom Gaspar dos Reis faz de andores e relicários – dos seus labores e significados – só é imeditamente perceptível para o seu leitor – e mesmo a este parece exigir-se uma certa erudição –, pois difícil seria para a multidão aperceber-se das dimensões espirituais que os ourives lograram transmitir através dessas obras. Mas, tal como em Lisboa em 1588, a admiração – «a riqueza daquelle fermoso ouro, da rica pedraria, da fina prata a cujo resplendor e artificio tornavão divinos, as divinas reliquias...»²⁹³ – foi, seguramente, um meio eficaz de fomentar, na multidão que a ele acorreu, a adesão afectiva ao significado espiritual da globalidade deste recebimento, em que não foi esquecido que, antes de mais, se

²⁸⁹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 56r-56v.

²⁹⁰ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 77r.

²⁹¹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 97r.

²⁹² Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 99r.

²⁹³ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 101r.

tratava de «agasalhar» santos peregrinos e perseguidos²⁹⁴. Por outro lado ainda, como acontecera igualmente em 1588, os pregadores forneceram uma recapitulação desses objectivos.

O sermão que D. Afonso de Castelo Branco, bispo de Coimbra, pronunciou em 30.10.1595 – no dia seguinte ao da procissão –, apesar dos elogios de Gaspar dos Reis – «aquella verdade livre, aquelle falar seguro, aquelle fervor nunca visto, como obras do espirito...»²⁹⁵ –, se tem interesse como raríssima amostra impressa de um sermão de um bispo nos fins do século XVI em Portugal, não passa de uma longuíssima colecção de citações de Padres e exegetas enganchadas, muitas vezes, umas nas outras, erudição que as notas laterais relativas às fontes donde as teria recolhido tornam mais pesada. Talvez se compreenda que, pregando em Santa Cruz e, ao parecer, dirigindo-se, antes de mais, aos próprios crúzios – «como doutamente disse vosso Padre santo Agostinho do qual sois os primogenitos filhos que elle na religião criou»²⁹⁶ – o pregador tenha sentido a necessidade – ou, pelo menos, se tenha sentido autorizado... – a abusar desses recursos eruditos que emprestavam um brilho fácil ao sermão. De qualquer modo, subordinando-se ao tema *Protegam civitatem istam, propter me, et propter David servum meum (Isa.37)*, parte da tradicional comparação dos santos a fontes de saúde da alma e do corpo²⁹⁷ e da citação da incontornável *Sess.25* do Concílio tridentino²⁹⁸, para terminar com o apelo à conversão interior de cada qual – «Digamos cada hum a nossa consciencia (que he a verdadeira casa de nossa alma) e a todos os que tivermos á nossa conta, demos de mão aos idolos de nossas abominações, purificando primeyro o interior de nossos corações. E depois mudando a vida passada, mostremos o exterior de nossas obras exemplares. E assi corramos, e festejemos os santos, offerendo a Deos o altar de nossas consciencias...»²⁹⁹ –, passando pelo auxílio que há que esperar dos santos – «os santos nos ajudam, podem e devem ajudar»³⁰⁰ –, por quanto, consequentemente, «he justo que visitemos, e honremos suas sepulturas, e com viva Fee toquemos suas Sagradas Reliquias, pera que dellas recebamos virtude nesta vida, e alcancemos a outra»³⁰¹, e, traduzindo e comentando um texto de S. Cipriano, pela justificação das festas – «como oje vemos» – que aos santos e suas relíquias se fazem, pela misericórdia de Deus exaltada por Jeremias e comentada por Santo Agostinho – *circuite et*

²⁹⁴ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 89r-89v.

²⁹⁵ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 57r.

²⁹⁶ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 74v.

²⁹⁷ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 58r.

²⁹⁸ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 59r.

²⁹⁹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 76v.

³⁰⁰ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 60r.

³⁰¹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 66r; conf. 68r.

vide te in viis Hierusalem, num sit qui faciat iudicium et justitiam, et misericors ero que o pregador traduz :«vede com diligencia se há hum soo homem em Coimbra que seja justo, e guarde inteiramente a ley de Deos, e usarei de misericordia com os mais, ainda que a não mereção...»³⁰² – , e ainda, citando e glosando outro texto do bispo de Hipona, pela condenação, por herege, de quem negar os santos e o valor às suas relíquias³⁰³.

Facilmente se terá percebido que, como dissemos, o sermão do bispo Castelo Branco, se bem que adaptado às circunstâncias, não é mais que um erudito elogio do culto dos santos e, logo, das suas relíquias, dentro do quadro contra-reformista em que se inscreve imediatamente.

O sermão que «no oitavo dia» – 6.11.1595 – pregou o crúzio Dom Miguel dos Anjos, então vigário da Ordem, homem, segundo o autor da *Relaçam*, «de grandes letras, e merecimentos», tem outro alcance. Subordinando-se ao tema *Cogitatio hominis confitebitur tibi, et reliquae cogitationis diem festum agent tibi (Ps.75)*, o pregador, interrogando-se porque, estimando Deus tanto as relíquias quer que se lhe façam grandes festas, passa a expor, como reposta, a pobreza do mundo em santos e a riqueza das relíquias. «Quando o mundo estava rico de santos, quando nelle avia Pedros, Paulos, Agostinhos, Antonios e os mais santos que presentes tendes, não se contentava Deos com menos que com fartura e abundancia de santos, não se contentava Deos com hum Pedro inteiro, com hum Paulo inteiro, com hum Agostinho inteiro e com os mais santos que então avia todos inteiros...»³⁰⁴, mas hoje «que o mundo está tão pobre, e falto de Santos, com migalhas muito pequenas desses Santos se contenta, e alegre: com hũa costa de Paulo, com hum pequeno osso de Pedro, e com hum dedo de Agostinho, se dá por tão satisfeito...»³⁰⁵. E é essa e por essa alegria de Deus que se fazem grandes festas às relíquias. Por outro lado, como vasos de «ouro finissimo» que são – e não vasos de barro como os pecadores³⁰⁶ – os santos tanto valem inteiros como quebrados: «valia Pedro, valia Paulo, valia Agostinho e os mais Santos que diante de nós temos enquanto estiverão nesta vida inteiros, hoje que os vemos quebrados pela morte, essas pequenas Reliquias de seus sagrados corpos, valem mais que todo o mundo...»³⁰⁷, um tema que, como estaremos recordados, também desenvolveu Inácio Martins em 1588. Daqui, adaptando à ocasião – *accomodatio quaedam* – de um texto de S. Paulo (*Tim.11*), o pregador faz notar que «foy merce de Deos grande, diz o Santo Apostolo, salvaremse as Reliquias

³⁰² Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 71r.

³⁰³ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 70r-70v.

³⁰⁴ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 85r.

³⁰⁵ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 85v.

³⁰⁶ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 85v-86v.

³⁰⁷ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 86v.

dos Santos, pera nellas os podermos ver inteyros»³⁰⁸ e, conseqüentemente, passe a exclamar: «Ditosa Portugal, ditosa Coimbra, e ditosa esta Santa Casa, pois tirando Deos estes Santos de suas terras, não os quis fiar de outros senão da Nação Portugueza, e nella de nenhũa Cidade senão de Coimbra, e em Coimbra de nenhũa casa senão desta Santa» [Cruz]³⁰⁹. Porquê, então, esta nova merê de Deus a uma casa que «logo do principio de sua fundação honrou, e enriqueceo com tantos e tam ricos thesouros de reliquias de Santos»? Para continuar as antigas mercês e para «saber agradecer e louvar as recebidas», ou não fosse Santa Cruz uma «casa que todo o anno e toda a vida gasta em louvores de Deos, e em festas e solemnidades de seus santos, agradecendolhe com isto as merces que delle tem tecebido, que muito he poder esperar desse mesmo Deos, novas e soberanas merces, quaes oje lhe faz»³¹⁰. E um pouco mais: Santa Cruz é célebre pelas esmolas que quotidianamente distribui pelos pobres³¹¹ e, «alem destes, pella fama destas grandes esmolas ter tomado já antigamente cinco santos que de Italia vierão demandar esta Santa Casa pera nella se agasalharem vivos, e por tão bem agasalhados que depois de mortos se não quizerão della apartar...»³¹². E, assim como esses cinco Mártires de Marrocos se acolheram em Santa Cruz como hóspedes eternos, também a mesma casa teve «virtude [...] para trazer a sy estas santas Reliquias, de Frandes, e doutras partes donde vierão...»³¹³. De certo modo, poderia dizer-se, continua o pregador elaborando o tradicional tema contra-reformista, que Deus esconde «esses seus mimosos em o escondimento de sua face, que he a sua santissima Cruz, vendo que os descuidados christãos, e obstinados Herejes tão indevida, e indecentemente tratavão estas Santas Relíquias»³¹⁴. Mas Dom Miguel dos Anjos, partindo da quase certeza de que a relíquia do bispo de Hipona que o mosteiro acabava de receber era um seu dedo indicador, continua ainda um pouco mais o elogio do seu mosteiro pela ponderação do «mistério» desses santos terem vindo demandar hospedagem em Santa Cruz de Coimbra guiados por Santo Agostinho. Em resumidas contas, depois de assinalar como Santo Agostinho já tinha dado a Portugal um S. Teotónio e um Santo António – santos que, sendo religiosos de Santa Cruz, mosteiro seu, porque da sua ordem, tinham sido dados por ele a Portugal –, agora, com o seu dedo – «hum relógio de Frandes, pois de lá veyo»³¹⁵ –, mostra «Portugal, Coimbra, e esta Santa Casa a estes gloriosos Santos [...] dizendolhes

³⁰⁸ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 87v.

³⁰⁹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 87v.

³¹⁰ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 88v.

³¹¹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 89r.

³¹² Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 89v.

³¹³ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 90r.

³¹⁴ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 91r.

³¹⁵ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 94r.

que como neste Reyno a Fee Catholica esteja tam inteyra, e tam sam (posto que algum tanto falta de obras), nelle, nesta Cidade, e nesta Santa casa acharam agasalhado, e a reverencia que em outras partes lhes não davão»³¹⁶, ponto em que confluem os três oradores numa clara marcação de fronteiras de cristandade e na acentuação da importância da virtude da hospitalidade³¹⁷. Prestes a terminar, antes de apelar à conversão interior de cada qual – uma conclusão obrigatória –, pondera o pregador, reiterando as fronteiras a que antes já havia aludido, que «em quanto estes gloriosos Santos não tocarão com seus rayos em erros, e peccados, sempre alumiarão as terras onde estavam, mas tanto que estes divinos rayos tocarão em faltas de fee, e em muytos outros erros, e peccados, tão grande foy a sombra que fizerão que deixando aquella misera gente em a escura, e mal assobrada noyte de seus erros, e peccados se vierão alumiar este Reyno, esta Cidade, e esta Santa Casa»³¹⁸. Teremos que nos admirar que o sermão acabe por recordar o «novo Olympo», que em «este Paraíso» de Santa Cruz, levantaram «as mãos Reaes do invencivel Rey e Senhor Dom Affonso Henriquez, a quem de rosto a rosto falãra [Deus], acrescentandolhe o desejo de fazer este Paraíso, com merces que lhe então fizera, tão caras na valia, quão baratas na compra, à custa do infame labeo da turba Agarena»? Ao meditar junto do túmulo do primeiro rei português em Santa Cruz, Gaspar dos Reis, cujo o relato é, em alguns momentos, um comentário dos sermões, tinha já, no começo da obra, explicitamente, aludido a esta perspectiva³¹⁹. Nada admira também que, dois anos depois, corresse que o testamento de Afonso Henriquez se descobrira em Santa Cruz de Coimbra³²⁰.

Se o seu enunciado, do ponto de vista dos horizontes da espiritualidade, se reduz a pouco mais que à incitação à veneração das relíquias e à exaltação do mosteiro de Santa Cruz pela hospitalidade e repouso oferecido aos santos-

³¹⁶ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 94r.

³¹⁷ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 93r-93v.

³¹⁸ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 95r.

³¹⁹ Gaspar dos REIS, *Relaçam do recebimento de Santa Cruz...*, 8v: «...olhava per outra parte via aquelles Reaes sepulchros que convidavão ao entendimento com larga ponderação naquelles feitos tam heroicos por seu Deos, as certidões, e instrumentos dos quaes, Elle proprio por sua mão no campo de Ourique em papel do ceo, firmara com o brasão de suas chagas».

³²⁰ Pero Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 345-348, recordando que em Dezembro de 1597 «se achou o papel do juramento delRey dom Afonço Anriques», traz esse «terlado de hum purgaminho que se achou no cartorio do Mosteiro dalcobaça digo no Mosteiro de santa cruz de coymbra...» «escrito em latim muito caduco velho e carunchoso»...; Ana Isabel BUESCU, *Um mito das origens da nacionalidade: o milagre de Ourique* in VV. AA., *A memória da nação* (Organ. de Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto), Lisboa, s. a. (1991), 49-69 (56); da mesma autora, *Vínculos da memória: Ourique e a fundação do reino* in *Portugal: mitos revisitados* (coordenação de Ivette Kase Centeno), Lisboa, 1993, 950; e desde outra perspectiva – mais imediatamente política e até personalizada –, Fernando BOUZA, *Para no olvidar y para hacerlo. La conservación de la memoria a comienzos de la Edad Moderna in Imagen y propaganda. Capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II*, Madrid, 1998, 26-57 (55).

relíquias, pelo seu tom providencialista e até por alguns dos seus jogos conceptuais – de algum que ficou transcrito não desdenharia um Padre Vieira – o sermão de Dom Miguel dos Anjos é um interessante e raro antecedente de muita da oratória sacra da segunda metade de Seiscentos celebrativa de aniversários e de festas litúrgicas.

X – Independentemente da sua importância documental para a história da artes decorativas em Portugal – as artes do ouro e da prata..., as artes da cera, essas que em 1588, tantas «novas invenções» manifestaram –, os dois recebimentos dão conta, antes de mais, como gostaríamos de ter deixado entender, dessa movimentação internacional de relíquias que, não sendo, de modo nenhum, nova – bem pelo contrário –, ganhou um incremento notável no quadro da Contra-Reforma. El Escorial, mesmo se talvez o de maior expoente, é apenas um exemplo mais. Outro, a notável coleção de Sancho de Ávila³²¹. E desde este ponto de vista, os dois recebimentos – essencialmente, duas *translationes* – poderão ser considerados duas das suas manifestações mais espectaculares – e meticulosamente concebidas, preparadas e realizadas – levadas a cabo nos fins do século XVI português, desde os «objectos» – o número e a «qualidade» das relíquias – à piedade – a veneração das relíquias – e, conseqüentemente, à espiritualidade – o «combate espiritual»..., a exaltação das virtudes, incluindo a da hospitalidade..., a centralidade de Cristo e do seu triunfo... e, em 1588, a devoção à Virgem Maria... – atractivamente sublinhadas pelo esplendor de relicários e decorações e pela oratória sacra. E sempre lastimaremos que os «relatores» dos recebimentos, tão pródigos na rememoração de decorações, de andores e relicários, tenham esquecido a maioria dos sermões então pregados...

Em outra ordem de ideias, porém, seria de relevar, explorando outro tipo de espectáculos que permitisse estabelecer diferentes cruzamentos de planos e significantes, o significado «autonomista» – nem sempre independentista – que se propôs – ou que assim pareceu, aos contemporâneos, ser legítimo ler – de alguns dos momentos simbólicos e oratórios desses recebimentos. Um bom exemplo poderia ser, precisamente, esse «triumfo da cruz» por que combateu Afonso Henriques na exploração, de certa maneira «emblemática», de 1588 e oratória em 1595 e, logo, na *Relaçam* de Gaspar dos Reis, tornando amplamente visível e audível um tema que, como é bem sabido, era caro a alguma historiografia e literatura portuguesa que nele via – mas sempre por escrito – um modo de veicular a existência e a pervivência providencial de Portugal como nação. Deste modo, talvez não será violento sugerir que, nesse quadro cultural preciso em que se denrolavam os

³²¹ Jacobo SANZ HERMIDA, *Un coleccionista de reliquias: Don Sancho de Ávila y el Estudio Salmantino*, in *Via Spiritus*, 8 (2001), 59-94.

recebimentos de relíquias vindas, principalmente, de terras «infiéis» – seguramente, desde este ponto de vista, a imagem mais impressionante, de uma Flandres..., uma Alemanha..., reformadas que expulsavam de seu seio os santos –, o triunfo da Cruz exposto pela imagem, a palavra e a acção do primeiro rei de Portugal – do rei-fundador –, mais do que sublinhar – intensamente, em 1588, pelo paralelo visível com Constantino – o triunfo dos portugueses sobre os «bárbaros» agarenos designador da sua existência e pervivência providencial propunha o triunfo dos portugueses sobre os novos «infiéis», esses «hereges do nosso tempo». Um triunfo que, *agora*, começava por acolher os que eles expulsavam..., e, festejando-os, deles fazia «santos hóspedes»...

Valerá a pena, então, recordar o significado político que, em 1598, um conde de Portalegre, D. Diego de Silva, um dos governadores do reino, atribuía, mesmo a nível pessoal, à descoberta, em 1597, do «Testamento» de Afonso Henriques, documento esse que dava garantias, sem margens para dúvidas, à tradição literária e historiográfica: inventavam-no – nunca melhor foi o sentido do termo –, dizia esse membro castelhano da junta de Governadores, os portugueses «para o derrubar» por o «sentimiento de la falta de rey próprio y solo suyo»³²². De qualquer modo, mesmo que um Pero Roiz Soares não tenha comentado nem esse «triunfo da Cruz» que, seguramente, viu em 1588 nem o sermão de Dom Miguel dos Anjos – é uma pena que a sua memória seja tão lisboeta –, não deixa de ser importante saber, como destacámos, que para ele – como para muitos dos seus contemporâneos – era de milagres que Portugal necessitava nesses dias. E, a crer na sua memória, os pregadores – sobretudo, os jesuítas em 1588 – bem alimentaram, durante oito dias, essas esperanças ao proclamar os milagres que faziam esses santos de que, então, se recebiam e veneravam as relíquias.

José Adriano de Freitas Carvalho

Abstract:

Preliminary study of some cases of relics translated during the second half of the 16th century in Portugal: the relics donated by D. Juan de Borja (ambassador of Phillip II to Portugal and Germany, mordomo-mor at the Court of Empress Mary of Austria, etc.) to the Church of S. Roque in Lisbon (1588) and the relics donated by D. Félix de Rojas (a canon regular) to the Monastery of Santa Cruz of Coimbra in 1595. The study of that period detailed accounts not only throws some light in very important aspects of the spirituality conveyed by the sermons and celebrations held during those ceremonies, but also allow us to understand some of the social and political aspects observed in Portugal in the early days of a dynastic peninsular union.

³²² Fernando BOUZA, *Para no olvidar y para hacerlo. La conservación de la memoria a comienzos de la Edad Moderna in Imagen y propaganda...*, ed. cit., 55-56.

APÊNDICE

Rol das relíquias vindas para a igreja de S. Roque em 1588 (Colecção de D. Juan de Borja)

1 - Certa cabeça de hũa das onze mil virgens	<i>De Doutores Santos</i>
2 - Grande relíquia de santa Barbora	95 - De s. Gregorio, papa
3 - Hũa reliquia de santa Cordula	96 - De santo Agostinho
4 - Hũa cabeça de outra companheira de santa Ursula	97 - De sam Hieronimo
5 - Hũa cabeça de outra das onze mil virgens	98 - De santo Ambrosio
6 - Hum grande osso de sam Procopio, Abbade	<i>De Outros confessores</i>
7 - Cabeça de sam Chrisanto, bispo	99 - De sam Domingos
8 - Outra cabeça de hũa das onze mil virgens	100 - De sam Bento, Abbade
9 - Cabeça de santa Geva, virgem e martir	101 - De sam Bernardo, Abbade
10 - Braço de santa Isabel, filha delRey de Ungria	102 - De sam Gregorio, bispo
11 - Braço de santa Iosipa, tia de santa Ursula	103 - De sam Nicolao, bispo
12 - Hum grande osso do Apostolo S. Mathias	<i>De virgens</i>
13 - Braço de Santo Otto, bispo	104 - De santa Eufemia, virgem e martir
14 - Dous dedos de Sam Joam Esmoler, patriarcha	105 - De santa Iignes, virgem e martir
15 - Cana do mesmo braço	106 - De santa Barbora, virgem e martir
16 - Outra cabeça de hũa das onze mil virgens	106 - De santa Apolonia, virgem e martir
17 - Hũa cabeça dos santos Thebanos	107 - De santa Cristina, virgem e martir
18 - Hum grande osso de santa Praxedis, virgem	108 - De santa Cordula, virgem e martir
19 - Cabeça de santa Aurelia, virgem	109 - De santa Caterina. Virgem e martir
20 - Duas cabeças das onze mil virgens	110 - De santa Luzia, virgem e martir
21 - Da tunica interior da Virgem Maria	111 - De santa Dorothea, virgem e martir
22 - Do veo de sua cabeça	<i>De outras santas</i>
	112 - De santa Maria Magdalena
	113 - De santa Isabel, viuva
	114 - De santa Maria Salome
	115 - De santa Photina que dizem ser a Samaritana
	116 - De santa Afra, martir
	117 - De santa Elvira

- 23 - Dos vestidos da Virgem
24 - [Dos vestidos?] de sam Ioam Evangelista
Ossos notaveis de Santas
25 - De santa Maria Salome
26 - De santa Maria Magdalena
27 - De santa Martha, virgem
28 - De santa Photina, a qual dizem ser a Samaritana
29 - De santa Caerina, virgem e martir
30 - De santa Barbora, virgem e martir
31 - De santa Cecilia, virgem e martir
32 - De santa Eufemia, virgem e martir
33 - De santa Marinha, virgem e martir
34 - Hum dente de S. Apolonia, virgem e martir
35 - De santa Dorothea, virgem e martir
36 - De santa Clemencia
37 - De santa Prisca, virgem e martir
38 - De santa Iosipa, virgem e martir
39 - De santa Bargara, virgem e martir
40 - De santa Cordula, virgem e martir
41 - De santa Esposa, virgem e martir
42 - De santa Benigna, virgem e martir
43 - De santa Getruda, virgem
44 - De santa Milia, virgem
45 - De santa Casaira, virgem
46 - De santa Corena
47 - Ossos de santa Eulalia
48 - De santa Edvigis, Duquesa
49 - De santa Hipolita
50 - De santa Odilia
118 - De santa Maria Egypciaca
119 - De santa Helena, Emperatriz
120 - De santa Anna, mãy da Virgem nossa senhora do braço, como de outras partes de seu sagrado corpo
121 - Grandes ossos de santa Maria Madalena, assi do braço como doutras partes de seu sagrado corpo
122 - O braço de sam Gereão, martir
123 - A cabeça de hüa das onze mil virgens
124 - Duas cabeças de santos cujos nomes se perderam pella muita antiguidade
125 - Reliquias de santa Justina, virgem
126 - A cabeça de santa Brigida
127 - A cabeça de S. Vidasto
128 - A cabeça de hüa das onze mil virgens
Reliquias
129 - Do lenho da santa Cruz
130 - Do santo sudario
131 - Da toalha da mesa do Senhor
132 - De s. Andre Apostolo
133 - De s. Felipe, Apostolo
134 - De s. Bertolomeu
135 - De s. Mathias, Apostolo
136 - De s. Estevão, primeiro martir
137 - De s. Lourenço, martir
138 - De s. Vicente, martir
139 - De s. Mauricio, martir
140 - De s. Longino, martir
141 - De s. Sixto, papa e martir
142 - De s. Bras, bispo e martir, Apostolo
143 - De s. Valentim, martir
144 - De s. Adalberto, bispo e martir
145 - De s. Clemente, bispo e martir da companhia de s. Ursula
146 - De s. Pedro, martir da ordem

- 51 - De santa Tenella, virgem e martir
52 - De santa Anastasia
53 - De santa Innes, das onze mil virgens
54 - De santa Paulina
55 - De santa Justina
56 - De santa Hunigunda, Emperatriz
57 - De santa Isabel, viuva
58 - De santa Ludmila, viuva
59 - Notaveis reliquias de santos e algüas dellas grandes de que se não distingue o nome por sua muita antiguidade
60 - Cincoenta e Quatro reliquias das onze mil virgens
Ossos notaveis
61 - De sam Estenislao, bispo e martir
62 - De sam João Esmoler
63 - De santo Eusthachio, martir
64 - De sam Palmachio, martir
65 - De sam Gil, Abbade
66 - De san Vuolfango, bispo e confessor
67 - O alto de hüa das canas de sam Roque que se juntavam no giolho
68 - Hüa cruz do sagrado lenho
69 - Da tolha da mesa do senhor
70 - Da tunica interior da virgem Maria
71 - De sam João Bautista
Reliquias Apostolos e Evangelistas
72 - De sam Pedro
73 - De sam Paulo
74 - De santo Andre
75 - De Santiago maior
76 - De S. Felipe e Santiago
77 - De sam Bertolameu
78 - De sam Thome
79 - De sam Matheus
dos pregadores
147 - De s. Juliano, martir
148 - De s. Theodoro, martir
149 - De s. Rufino, martir
150 - De s. Martinho, bispo
151 - De s. Gregorio, papa
152 - De s. Gregorio Taumaturgo, bispo
153 - De s. Nicolao, bispo
154 - De s. Felix, arcebispo de Treveris
155 - De De s. Mario, arcebispo da mesma cidade
156 - De s. Valerio, confessor
157 - De s. Menardo, bispo
158 - De s. Florencio, duque
159 - De s. Chrisanto, bispo de Basilea
160 - De s. Vigberto, sacerdote
161 - De s. Simeão, hermitam
162 - De s. Nicodemos, de que se faz mençam no Evangelho
163 - De sam Gregorio, o milagroso[Taumaturgo] que foi bispo de Neocesarea
164 - Hüa cabeça de S. Clemente, bispo da companhia das onze mil virgens
165 - Hüa cabeça das onze mil virgens
166 - Hüa reliquia do santo lenho
167 - Dos santos Innocentes
168 - De s. Coloniano, martir
169 - De s. Acasio, martir, da companhia
170 - De s. Florino, martir
171 - Dos SS. Corenta martires
172 - De s. Candido, duque e martir
173 - De s. Eleuterio, martir
174 - De s. Procopio
175 - De s. Gil, Abbade
176 - De s. Albano, martir

- | | |
|--|---|
| 80 - De sam Mathias | 177 - Hum espinho da sagrada coroa de Christo |
| 82 - De sam Barnabé | 178 - Hüa cruz do santo lenho, no Ponto |
| 83 - De sam Thadeu | 179 - Hum dente de s. Tiago Apostolo |
| 84 - De sam Marcos, evangelista | 180 - De santo André, Apostolo |
| 85 - De sam Lucas, evangelista | 181 - De sam Bartholameu, Apostolo |
| <i>De Martires</i> | 182 - De sam Barnabe, Apostolo |
| 86 - De santo Estevam | 183 - De santo Estevam, primeiro martir |
| 87 - De sam Lourenço | 184 - De sam Lourenço, martir |
| 88 - Hum pedaço do queixo com dous dentes de sam Vicente | 185 - De sam Vicente, martir |
| 89 - De sam Gregorio | 186 - De sam Bras, bispo e martir |
| 90 - De sam Sebastião | 187 - De sam Nicolao, bispo e confessor |
| 91 - Dos santos Cosme e Damião | 188 - De santa Maria Magdalena |
| 92 - De sam Christovão | |
| 93 - De sam Venceslao | |
| 94 - De sam Erasmo | |

Rol das relíquias «novamente vindas» para Santa Cruz de Coimbra em 1595
(Colecção de Dom Felix de Rojas)

- | | |
|--|--|
| <i>As reliquias dos Apostolos sam as seguintes.</i> | 18 - Hum osso, de sam Hipolito. |
| 1 - Huns ossos, de Sam Pedro, e Sam Paulo. | 19 - Hüa cana, do braço de sam Fabiam Papa. |
| 2 - Hum pedaço da cana, de hum braço de S. Paulo. | 20 - Outra, do braço de Sam Sebastião. |
| 3 - Hüa costa, de santo Andre. | 21 - Hüa costa, de sam Jorge |
| 4 - Dous ossos, de S. Thadeu. | <i>.De Confessores.</i> |
| <i>Dos Martyres.</i> | 22 - Dous articulos de hum dedo da mão do Padre Santo Agostinho. |
| 6 - Hüa cabeça de Sam Palmachio. | 23 - Seys pedacinhos de ossos de S. Gregorio Papa. |
| 7 - Outra cabeça, de Sam Ciriaco Papa. | 24 - Dous ossos de Sam Sylvestre Papa. |
| 8 - Hum pedaço grande, do casco de sam Bras. | 25 - Hum osso de Santo Antonio de Padua. |
| 9 - Hum osso, do mesmo Santo. | <i>Virgens.</i> |
| 10 - Os corporaes, de santo Thomas de Cantuaria, com hum pedaço da casula com que dizia missa. | 26 - Hum pedaço da cana, do braço de Santa Ursula Virgem e martyr. |
| 11 - Hüa cana inteyra, da perna de sam Dionisio Ariopagita. | 27 - Hum casco, de hüa das onze mil Virgens. |
| 12 - Hüa cana, de sam Rustico seu Discipulo. | 28 - Hum osso de outra das onze mil |

- | | |
|--|---|
| 13 - Outra, de hum Companheyro de sam Palmachio. | Virgens. |
| 14 - Hum osso, de sam Leodegario Bispo e Martyr. | 29 - Hum osso inteyro, de hüa perna de Santa Cordula Virgem e Martyr. |
| 15 - Hum osso, de sam Thimoteo Discipulo de sam Paulo. | 30 - Hüa espadua, de Santa Comba Franceza, Virgem e Martyr. |
| 16 - Hum osso, do braço de santo Estevão. | 31 - A cabeça, de Santa Erula, Virgem e Martyr. |
| 17 - Dous osso, de sam Lourenço. | 32 - A cabeça, de Santa Gudaleva Martyr. |

Nota: Na transcrição destas listas procuramos aproximar-nos do modo de citar, que está longe de ser uniforme, dos autores de cada rol.

